

# PAE pode ser uma outra burla do executivo Volvidos três meses desde o anúncio, tudo está como antes

PAG 04

CTA diz que Programa de Recuperação Económica ainda não saiu do campo teórico



# 60 Meticais EVIDÊNCIAS

Nosso compromisso é com a verdade / Registo: 011/GABINFO-DEP/2020

DIRECTOR: Nelson Mucandze | EDITOR: Reginaldo Tchambule | Terça-Feira, 01 de Novembro de 2022 | Edição nº: 86 | Ano: 02

## Estado colocado ao serviço dos negócios da Família Presidencial



# Nyusi lança o filho nos Emirados Árabes

*Jacinto Nyusi foi apresentado ao presidente dos EAU e outros homens de negócios  
A tese é de que Jacinto Nyusi vive em Abu Dhabi, curiosamente sede da Sun Flower  
Sun Flower é a empresa que, segundo Jean Boustani, recebeu dinheiro de Nyusi  
É mesmo filho que comprou uma casa na África do Sul e vendeu antes do julgamento*

## Padrinho da campanha de pressão para retoma das actividades pela Total



# Kagame faz visita relâmpago para tentar credibilizar Nyusi na França

PAG 05

A Resistência Nacional Moçambicana (Renamo), maior partido da oposição, pediu, sexta-feira, a demissão dos ministros da Economia e Finanças, Max Tonela, e da Função Pública, Ana Comoana, devido a alegadas irregularidades na implementação da nova Tabela Salarial Única (TSU), mesmo depois da revisão. A situação já está a colocar o país em ebulição.



Estado colocado ao serviço dos negócios da Família Presidencial

# Nyusi levou seu filho na visita oficial aos Emirados Árabes Unidos e apresentou-o a altas individualidades

**Jacinto Nyusi foi apresentado ao presidente dos EAU e outros homens de negócios**  
**A tese é de que Jacinto Nyusi vive em Abu Dhabi, curiosamente sede da Sun Flower**  
**Sun Flower é a empresa que, segundo Jean Boustani, recebeu dinheiro de Nyusi**  
**É o mesmo filho que comprou uma casa na África do Sul e vendeu antes do julgamento**

**A** margem da sua última visita oficial aos Emirados Árabes Unidos (EAU), o Presidente da República, Filipe Nyusi, se fez acompanhar em actos oficiais pelo seu filho mais velho, Jacinto Ferrão Filipe Nyusi, 29 anos de idade, tendo o apresentado ao príncipe herdeiro de Abu Dhabi e presidente dos Emirados Árabes Unidos, Mohammed bin Zayed Al Nahyan, e outras individualidades projectadas na arena política e económica, naquilo que é interpretado como um flagrante caso de tráfico de influências, tendo em vista alargar o império empresarial da família presidencial que tem estado a florescer de forma vertiginosa desde que Filipe Nyusi chegou ao poder. Desde que foi despoletado o flagrante conflito de interesses, grupos de choque têm esgrimindo argumentos para tentar fazer acreditar que os encontros foram coincidência, pois Jacinto Nyusi, que curiosamente casou no Dubai, vive naquele país, que é coincidentemente onde, segundo a acusação feita em Nova York e em Londres por Jean Boustani, foram transferidos pouco mais de 1 milhão de dólares a favor de Filipe Nyusi, no âmbito dos subornos do escândalo das dívidas ocultas.

## Evidências

Numa altura em que a família Nyusi tem estado a marcar uma grande presença no ramo empresarial, tendo alargado de forma vertiginosa o seu império em oito anos, a ninhada presidencial parece imparável nos negócios a saldo de um claro tráfico de influência.

O exemplo flagrante mais recente de tráfico de influências vem dos Emirados Árabes Unidos, onde Filipe Nyusi levou o seu filho para agendas oficiais e de negócios, aproveitando-se da sua posição para apresentá-lo a altas individualidades políticas e económicas daquele país rico em petróleo e um dos gigantes económicos a nível global.

Entre as individualidades a quem Jacinto Nyusi foi apresentado pelo pai, à margem de uma recepção oficial, está Mohammed bin Zayed Al Nahyan, príncipe herdeiro de Abu Dhabi e presidente em exercício dos Emirados Ára-

bes Unidos.

Um pequeno vídeo sobre a visita de Filipe Nyusi aos Emirados Árabes Unidos não deixa espaço para dúvidas. Nas imagens, é possível ver Filipe Nyusi a apresentar o seu filho, que na ocasião conversa com o príncipe herdeiro.

Não se sabe ao certo qual é o teor da conversa, contudo, pelos semblantes, parece que Jacinto Nyusi está a ser “exposto” ao mundo de “negócios das arábias”, naquela que era a primeira visita oficial do seu pai aos EAU. Trata-se de uma prática, de resto, bastante comum entre as lideranças africanas.

A visita em que Filipe Nyusi se fez acompanhar pelo seu filho tinha também em vista divulgar as potencialidades económicas do país, com vista a atrair investimento dos Emirados Árabes Unidos, um conglomerado que engloba alguns dos maiores homens de negócios do mundo.



Basicamente, em missões dessas, gente politicamente exposta e com informações

privilegiadas, como Jacinto Nyusi, aproveita esses fóruns para atrair investidores para

negócios em que comparticipam somente com influência ou “apelidos”.

## A ascensão empresarial da família presidencial

Desde que assumiu o poder, Filipe Nyusi tem estado a “expor” os seus filhos e familiares a várias oportunidades de negócios dentro e fora do país, havendo, inclusive casos flagrantes de negócios com entidades do Estado.

Dois relatórios do Centro de Integridade Pública revelam como a família presidencial (filhos e irmãos) tem estado a beneficiar-se do poder para alargar o seu império empresarial. O primeiro, lançado em 2020, revelou que, em cinco anos no poder, a família Nyusi tornou-se detentora de acções em 14 registos empresariais entre os anos 2004 a 2019.

Segundo um relatório publicado pelo Centro de Integridade Pública (CIP) de Moçambique, Nyusi e os seus filhos tinham cinco registos empresariais em Janeiro de 2015. No final do primeiro mandato, o número de empresas com par-

ticipação dos integrantes da família do Presidente chegou a 14, ou seja, quase triplicou.

Depois de 2015, as nove empresas ligadas à família procuram estabelecer-se em sectores estratégicos, como os recursos minerais, energia e agricultura. Algumas têm o objecto social amplo e desconexo, como a Motil, de Florindo Nyusi, filho do chefe de Estado moçambicano, que actua nos ramos de pesca e segurança. Esta empresa chamou a atenção dos investigadores do CIP por ter cedido a concessão de pesca à chinesa Nanjing Runyang Fishing Corporation.

De todas as empresas da família Nyusi, a mais flagrante é a Luxoflex, pertencente à discreta Cláudia Nyusi, que tem estado a fazer negócios milionários com o Estado. A empresa especializada em mobiliário para escritório ganhou dois concursos de fornecimento de

carteiras escolares produzidas no âmbito da operação Tronco, liderada por Celso Correia.

Já o menino das arábias tinha até 2020 um único registo empresarial no país. Trata-se da The Gafe Limitada, pertencente a Jacinto Ferrão Filipe Nyusi, registada no BR nº 70, III Série, Suplemento, de 2 de Setembro de 2013 - pág. 2776-(50).

O mais recente relatório do CIP dá conta de como Cosme Jacinto Nyusi, irmão do Presidente da República, tem estado a se firmar como empresário do sector mineiro desde 2017 a esta parte. Quando o irmão assumiu o cargo Cosme Nyusi não tinha sequer um registo empresarial em seu nome, mas agora detém cinco empresas que exploram desde ouro a pedras preciosas em várias províncias do país.

Continua na pag 03

## Embaixador italiano inteira-se do estágio do DDR

O presidente da Renamo manteve, na última semana, um encontro com o Embaixador da Itália em Maputo para colocá-lo a par do actual estágio da implementação do processo de DDR. Igualmente, ambos abordaram perspectivas das eleições autárquicas agendadas para 11 de Outubro de 2023 e gerais em 2024.



# DESTAQUE

## EVIDÊNCIAS

01 DE NOVEMBRO DE 2022

3

Continuação da pag 02

# Jacinto Nyusi vive no mesmo país onde Nyusi “recebeu” dinheiro das dívidas ocultas?

Logo depois que o vídeo que mostra o momento em que Jacinto Nyusi era apresentado pelo seu pai ao presidente dos EAU, os grupos de choque que se dedicam a defendê-lo começaram a fazer circular a ideia de que o filho do Presidente da República vive naquele país e que, por isso, o encontro foi ocasional.

Vivendo nos Emirados Árabes ou não, a verdade é que Jacinto Nyusi foi levado para a agenda oficial do pai, o que, por si só, concorre para tráfico de influência, tendo em conta que este tem interesses empresariais.

Esta é a primeira vez que se assume que Jacinto Nyusi, que há cerca de um mês participou do XII Congresso, onde foi eleito membro do Comité Central, vive nos Emirados Árabes Unidos. Há cerca de um ano, concretamente em Junho de 2021, o também filho mais velho do Presidente da República casou-se numa cerimónia requintada de luxos no Dubai.

Se realmente for verdade que Jacinto Nyusi vive à farta nos Emirados Árabes Unidos, vem ao de cima uma outra estranha coincidência, relacionado com um suposto património ligado ao caso das dívidas ocultas.

É que, segundo a revelação feita por Jean Boustani durante a sua defesa no tribunal federal de Nova York e, mais recentemente na defesa do Grupo Privinvest na Suprema Corte de Londres, foram transferidos pouco mais de 1 milhão de dólares a favor de Filipe Nyusi,



si, no âmbito dos subornos do escândalo das dívidas ocultas.

Na sua defesa, no âmbito de um outro processo que corre termos na Suprema Corte de Londres, na Inglaterra, movido pela PGR contra o Grupo Privinvest, Iskandar Safa, dono daquele conglomerado empresarial, deu detalhes de como terá pago quantias substanciais, tanto directa quanto indirectamente, para o Presidente Nyusi, após a sua eleição como candidato para as eleições presidenciais de 2014, usando uma empresa de fachada de Abu Dhabi.

O estadista moçambicano terá recebido subornos na ordem de um milhão de dólares para a sua campanha de 2014 e outros um milhão terão sido pagos em bens ocultados. O arguido António Carlos de Rosário, segundo a defesa de Iskandar Safa, foi quem terá dito a Boustani que o Presi-

dente Nyusi desejava receber fundos da Privinvest para a sua campanha.

“Rosário indicou ao Sr. Boustani que o presidente Nyusi desejava receber recursos do Privinvest para sua campanha, separado dos fundos que estão sendo contribuídos directamente para FRE-LIMO (USD 10 milhões)”, refere Safa.

A Privinvest fez o referido pagamento a 10 de Abril de 2014, através da Logistics Offshore para uma conta em nome da Sunflower International Corp FZE na Emirates NBD. A Privinvest alega ainda que adquiriu uma viatura de marca Toyota Land Cruiser, por 728,6614.42 rands, para uso pessoal de Filipe Nyusi na campanha eleitoral que o conduziu à Presidência da República em 2014.

“Por volta de Julho de 2014, o presidente Nyusi solicitou

a aquisição de um veículo de campanha. O Presidente Nyusi especificamente solicitou o seu carro por e-mails, de 21 e 24 de Agosto 2014 que a obra de arte específica fosse fornecida. O veículo (um Toyota Land Cruiser, com modificações adequadas e arte) foi adquirido mediante pagamento datado de 11 de Julho de 2014 pela Proindicus para a Spring Trade 206 CC, uma empresa sul-africana, no valor de 7.286 614,42 ZAR”, prossegue Safa, referindo que “Em uma reunião com Jean Boustani, no Aeroporto Paris-Le-Bourget, a 01 de Agosto, o Presidente Nyusi solicitou mais contribuições de campanha e / ou assistência da Privinvest. Esta reunião ocorreu no contexto do périplo do candidato pela Europa (Londres, Paris, Berlim e Lisboa)”. Os desenvolvimentos deste processo serão conhecidos.

## A casa da África do Sul ao “empresário” de 21 anos

O mesmo António Carlos de Rosário, que falava em nome de Filipe Nyusi, segundo a Privinvest, terá comprado uma vivenda localizada num bairro da elite, em Cape Town, na África do Sul, para Jacinto Ferrão Filipe Nyusi, em Julho de 2014, coincidentemente no mesmo período (Entre Abril e Agosto de 2014) em que a Privinvest diz ter aberto os cordões à bolsa para pagar subornos àquele que viria a ser o quarto Presidente do país.

A aquisição da referida mansão, localizada num bairro nobre da África do Sul, foi confirmada por uma investigação do Centro de Integridade Pública (CIP), que na altura apresentou, inclusive, alguns documentos assinados em nome de Jacinto Nyusi.

O filho mais velho do Presidente Nyusi, que antes do seu pai se tornar candidato a Chefe do Estado não tinha nenhum património registado em seu nome, terá desembolsado três milhões e novecentos mil rands para a compra do imóvel numa viúva de nome Helene Pam-Mark.

Como que a confirmar a natureza ilícita do dinheiro, quando iniciaram as investigações do caso, o filho de Nyusi livrou-se daquele activo, ainda segundo o CIP, que adianta que foi vendido a quatro milhões e quinhentos rands, a 10 de Outubro de 2017, meses depois da divulgação do relatório da Kroll.

PUBLICIDADE

## Vilankulo → Inhambane

Agora com voos às **Quintas-Feiras**

Disponha de mais frequência de voos entre Maputo, Vilankulo e Inhambane.



→ MAPUTO - 12:10H | VILANKULO - 13:25H

→ VILANKULO - 13:55H | INHAMBANE - 14:40H

→ INHAMBANE - 15:10H | MAPUTO - 16:10H

COMPRE JÁ

+ LIGUE PARA 1737  
+ VISITE AS LOJAS LAM,  
+ AGÊNCIA DE VIAGENS  
+ OU WWW.LAM.CO.MZ



O presidente do Tribunal Supremo, Adelino Muchanga, defendeu, recentemente, que o sector judiciário deve ter autonomia financeira para assegurar o seu funcionamento, tendo, na ocasião, lançado duras críticas sobre a interferência do poder político na justiça, uma vez que a influência daquele poder condiciona sobremaneira a actuação dos tribunais.



PAE pode ser uma outra burla do executivo

# Volvidos três meses desde o anúncio, tudo está como estava antes

**CTA diz que Programa de Recuperação Económica ainda não saiu do campo teórico**  
**Discussão de regulamentos do PAE não consta do rol das 30 matérias agendadas**  
**“Implementação do PAE ainda depende do Parlamento” – Agostinho Vuma**

**E**m Agosto do ano em curso, o Presidente da República, Filipe Nyusi anunciou, com pompa e circunstância, o Pacote de Medidas de Aceleração Económica (PAE) para acelerar o crescimento económico do país e reduzir o alto custo de vida que se faz sentir no país. No entanto, volvidos três meses tudo está como estava antes e a Confederação das Associações Económicas de Moçambique (CTA) já se mostra preocupada, apontando como principal entrave o facto de a implantação do PAE depende da aprovação da Assembleia da República.

## Evidências

Foi apresentado com todas as solenidades como a solução para o alívio do custo de vida no país, através do incentivo ao sector produtivo, contudo, volvidos três meses nem alívio ao custo de vida, muito menos o incentivo ao sector produtivo. Tudo permanece como estava antes e o Pacote de Medidas de Aceleração Económica pode ser também uma burla, tal como acontece com a Tabela Salarial Única.

Aceleração Económica (PAE), outro projecto anunciado à porta do Congresso da Frelimo, está a enfrentar desafios.

Entre os constrangimentos, a CTA, através do seu presidente, Agostinho Vuma diz que grande parte das medidas do Pacote de Medidas de Aceleração Económica (PAE) estão dependentes da competente aprovação pela Assembleia da República.

Entretanto, Evidências apu-



a 15 de Dezembro de 2022.

“Desde que logramos fazer passar as nossas aflições através do Pacote de Medidas de Aceleração Económica, a CTA empenha-se até hoje para a respectiva materialização. Entretanto, a nossa preocupação é que estamos a falar de medidas que dependem muito da Assembleia da República”, lamentou o presidente da CTA, Agostinho Vuma, durante uma conferência de imprensa à margem da recepção de gestores

das Bolsas de Valores de Moçambique, Angola e Cabo Verde.

## Acesso ao financiamento continua maior preocupação

A demora no estabelecimento e disponibilização do Fundo de Garantia Mutuária, que é a galinha dos ovos de ouro dos empresários nacionais por abrir facilidades de acesso ao financiamento, é uma das maiores preocupações.

“Quando nós falamos de pa-

cotes de medidas de aceleração económica, temos outro desafio que se impõe ao mercado, a limitação do acesso ao financiamento e aqui estamos a trabalhar com o Banco Africano de Desenvolvimento, Banco Mundial e com entidades do Estado para a materialização dos fundos de garantia mutuária. É que todas as medidas que acompanhamos dependem de uma grande premissa que é acesso ao financiamento”, afirmou Vuma.

Quando nós falamos de pacotes de medidas de aceleração económica, temos outro desafio que se impõe ao mercado, a limitação do acesso ao financiamento e aqui estamos a trabalhar com o Banco Africano de Desenvolvimento, Banco Mundial e com entidades do Estado para a materialização dos fundos de garantia mutuária. É que todas as medidas que acompanhamos dependem de uma grande premissa que é acesso ao financiamento.

É pelo menos essa impressão com que se fica diante da preocupação manifestada, há dias, pela Confederação das Associações Económicas de Moçambique (CTA) que diz que a implementação do Pacote de Medidas de

rou que a aprovação de regulamentos do Pacote de Medidas de Aceleração Económica (PAE) não consta do rol das 30 matérias agendadas para a presente (VI) Sessão Ordinária que arrancou a 06 de Outubro e poderá terminar

## Ossufo Momade havia denunciado que PAE era campanha para o Congresso

Logo após o anúncio do PAE, o presidente da Renamo, Ossufo Momade acusou o Governo de Filipe Nyusi de ter vendido gato por lebre ao povo moçambicano, ao anunciar acções que não aliviavam o actual custo de vida. Na altura denunciou que tratava-se de promessas enganosas e populistas tendo em vista o Congresso.

Ossufo Momade disse desconfiar que o objectivo do pacote de medidas anunciadas por Filipe Nyusi visava travar manifestações que a todo momento podiam explodir por causa da saturação dos moçambicanos e criar um conforto político do Presidente de modo a enfrentar o Congresso, que já estava marcado.

“O Presidente da República



quer minimizar a falsa expectativa que criou nos Funcionários Públicos e desviar a sua atenção sobre a Tabela Salarial Única que depois da sua aprovação transformou-a em nado morto; Não há dúvidas que os ventos de mudança que sopram de Angola estão a criar medo e pânico ao regime”, denunciou na ocasião.

No entender do presidente da Renamo, sob ponto de vista económico as medidas anunciadas beneficiam alguns produtores e

empresários, mas não respondem os anseios da população e os trabalhadores que neste momento estão a contas com uma crise sem precedentes.

“Sempre exigimos do Governo do dia, medidas eficientes e eficazes para estancar os ataques terroristas e aliviar este penoso custo de vida, o que não temido a devida resposta, antes pelo contrário temos assistido opções paliativas que estão muito longe de acudir o sofrimento dos moçambicanos. É neste sentido que na passada terça-feira, dia 09 de Agosto de 2022, o Presidente da República anunciou o que chamou de Pacote de Estímulo à Economia de Moçambique, que infelizmente não são medidas de alívio ao actual custo de vida”, refere Ossufo Momade.

## Chiziane diz que o país deve recuperar conquistas importantes

A conceituada escritora moçambicana, Paulina Chiziane, recebeu, recentemente, o título de Doutora Honoris Causa em estudos artísticos, culturais e literatura pela Universidade Pedagógica de Maputo. Discursando à margem daquela cerimónia, defendeu que um dos maiores desafios do país é usar o conhecimento para recuperar conquistas importantes, como a liberdade, dignidade e humanidade que, na sua opinião, estão a perder-se.



Nyusi coloca Ruanda cada vez mais no centro de tudo

# Kagame: mensageiro para pressionar e impressionar a TotalEnergies?

**O momento coincide com a campanha de pressão para retoma das actividades pela Total  
Kagame mudou abordagem de caça aos seus opositores refugiados em Moçambique**

**P**aul Kagame, presidente de Ruanda, fez uma visita relâmpago, ao nosso país, na passada sexta-feira, e no mesmo dia reuniu com o Presidente da República, Filipe Nyusi, onde, dentre vários aspectos, analisaram a situação de luta contra o extremismo violento em Cabo Delgado, onde o Ruanda intervém com um contingente de mais de dois mil homens, desde Julho de 2021. No balanço do encontro, foi anunciado que os dois estadistas discutiram também sobre interesses económicos do Ruanda em Moçambique, tendo sido colocada a possibilidade da companhia aérea ruandesa fazer ligações com vários destinos do mundo a partir de Maputo. Mas a visita coincide com o momento em que as autoridades moçambicanas têm empreendido esforços para pressionar a TotalEnergies a retomar as actividades, mesmo sem responder ainda cabalmente às exigências colocadas na mesa pela multinacional.

### Evidências

Um ano passou desde a última vinda de Paul Kagame a Moçambique. A última visita foi em Setembro de 2021, quando Paul Kagame esteve em Moçambique para participar das celebrações do Dia das Forças Armadas (25 de Setembro), saudar as tropas ruandesas que combatem o extremismo violento em

Há duas semanas, a União Europeia estava a discutir um financiamento às tropas ruandesas que lutam contra o extremismo violento em Moçambique.

Cabo Delgado e assinar acordos cujo conteúdo continua desconhecido pelos moçambicanos.

E semana passada aterrou em Maputo, de forma relâmpago,

numa altura em que a francesa TotalEnergies continua silenciosa em relação às datas para a retoma do seu projecto de LNG avaliado em 23 mil milhões de dólares, fazendo ouvido de marcadores às campanhas de pressão para que retoma as suas actividades em Afungi, no distrito de Palma, em Cabo Delgado. Mas a companhia já colocou as suas condições e deverá se pronunciar no próximo ano, se retoma ou não, face às condições que se apresentar.

Paul Kagame é apontado como próximo de França do que seu homólogo Filipe Nyusi, havendo informações já desmentidas que apontam que a sua intervenção em Cabo Delgado é por procuração da França, por isso, é peça fundamental para o lobby político com Paris, para garantir a retoma da Total.

No encontro de dois dias, não foi oficialmente anunciado se os dois estadistas debateram a retoma da TotalEnergies ou não, até porque este assunto sempre foi tratado com certo secretismo. Aliás, nem os acordos que Moçambique vem celebrando com Ruanda são do domínio público.

No intervalo de um ano, as relações entre Moçambique e Ruanda conheceram nova página, tendo sido assinado



diversos instrumentos, que incluem acordo de extradição, o que provocou muita tensão na comunidade ruandesa refugiada em Moçambique.

Os relatos que se ouvem no seio da comunidade são de intensificação da inteligência que se resume na intimidação dos refugiados para que estes se entregam, havendo casos de membros da associação que se entregaram e foram transformados olhos de Kagame no meio dos refugiados, o que fragmentou a comunidade em Moçambique.

### Antiterrorismo domina agenda

Oficialmente, os dois chefes de Estado analisaram a cooperação entre as suas nações nas áreas económica e de defesa, destacando os esforços dos jovens soldados que estão na linha da frente do combate contra o terrorismo na província de Cabo Delgado, onde o Ruanda apoia as forças moçambicanas no combate a grupos rebeldes.

"Os dois líderes saudaram de forma geral os valentes jovens moçambicanos e ruandeses, que com apoio das forças da Missão da Comunidade de Desenvolvimento da África Austral não poupam esforços para travar a acção dos terroristas no nosso solo pátrio", fez saber a ministra dos Negócios Estrangeiros e Cooperação de Moçambique,

Verónica Macamo.

O secretismo em volta das "decisões importantes" e dos acordos assinados com o regime de Kigali acontece numa altura em que ainda não está claro que preço é que Moçambique vai pagar pela intervenção militar do Ruanda na luta contra o extremismo violento em Cabo Delgado. Apesar de Filipe Nyusi e Paul Kagame insistirem na narrativa segundo a qual a presença de tropas ruandesas surge no contexto das boas relações bilaterais entre os dois Estados e a mesma é financiada pelo Governo ruandês e não acarreta custos futuros para Moçambique, o facto é que persistem dúvidas sobre a engenharia financeira desta operação.

Há duas semanas, a União Europeia estava a discutir um financiamento às tropas ruandesas que lutam contra o extremismo violento em Moçambique.

"A União Europeia está a discutir a prestação de apoio ao destacamento ruandês em Moçambique. Não comentaremos o assunto até que seja tomada uma decisão. As conversações com os Estados-membros estão numa fase avançada, com a proposta a receber forte apoio da França, Alemanha e Itália", revelou Nabila Massrali, porta-voz dos Negócios Estrangeiros e da Política de Segurança da União Europeia.

Em Setembro último, a União Europeia concordou em fornecer 14,6 milhões de dólares à Missão da SADC em Moçambique (SAMIM), ao abrigo do Mecanismo Europeu de Apoio à Paz, um fundo de cinco mil milhões de euros que permite à Europa armar exércitos africanos bilateralmente. Apesar dos esforços das forças conjuntas de Moçambique, Ruanda e da SADC para conter o extremismo violento, os insurgentes continuam a criar terror em Cabo Delgado.

De referir ainda que os dois países estão também a ponderar estabelecer uma parceria no sector da aviação. O anúncio de cooperação na aviação civil entre Moçambique e Ruanda é feito três semanas depois de o Governo moçambicano ter admitido a possibilidade de privatizar a Linhas Aéreas de Moçambique (LAM), a companhia de bandeira que neste momento se encontra em situação de insolvência técnica.

"Os dois estadistas focalizaram as suas atenções na exploração das linhas aéreas dos dois países, que permitam tornar expeditas as viagens de Moçambique para várias partes do mundo, usando as linhas aéreas do Ruanda, aproveitando a posição em que o Ruanda se encontra no mundo", disse Verónica Macamo, sem avançar mais detalhes sobre a operação.

## Comissão de Enquadramento corrige falhas da TSU

Face à onda de insatisfação de várias classes profissionais em relação à Tabela Salarial Única (TSU), o ministro da Economia e Finanças, Max Tonela, acaba de apelar aos funcionários públicos e agentes do Estado a usarem mecanismos previstos na lei para apresentação de reclamações, garantindo que a comissão de correcção das falhas é que vai decidir os aspectos a serem corrigidos.



Médicos, professores e outras classes profissionais a beira do ponto de ebulição

# TSU é um autêntico barril de pólvora prestes a explodir

**Médicos paralisam actividades em protesto contra a “falta de respeito” do governo**

**Greve começa no dia 07 e dentro de dias será conhecida a lista dos serviços afectados**

**Professores também já marcaram uma reunião para tomarem uma decisão**

Os Funcionários e Agentes do Estado (FAE) estão em vias de ebulição e ameaçam paralisar as actividades devido a falta de clareza nos critérios de enquadramento na Tabela Salarial Única, que faz de uns filhos e outros enteados. Os médicos, através da Associação Médica de Moçambique (AMM) e da Ordem dos Médicos de Moçambique (OrMM), já comunicaram ao governo, de forma oficial, a paralisação parcial das suas actividades durante 21 dias, período no qual somente serão assegurados serviços mínimos. Enquanto isso, os professores, a vários níveis um pouco por todo o país, observam uma espécie de greve silenciosa e ameaçam boicotar as actividades e comprometer as metas de aproveitamento. Na Escola Secundária Josina Machel, na cidade de Maputo, por exemplo, os docentes paralizaram as actividades no período da manhã numa clara demonstração de revolta.

## Evidências

Apresentada pelos políticos no período que antecedeu o XII Congresso como uma reforma salarial histórica que tinha como objectivo “valorizar, atrair e reter”, a Tabela Salarial Única (TSU) está longe da expectativa criada pelos discursos políticos.

Enquanto a classe política, dirigentes, deputados e titulares de órgãos de soberania para além

de chefia vão continuar a receber míseros salários, pois o tão propalado aumento não passa de uma miragem.

E porque os números estão aquém da expectativa criada, os funcionários públicos estão revoltados. A classe dos médicos, sempre inconformada, foi a primeira a ameaçar paralisar as actividades.



depois de uma reunião nacional, realizada na quinta-feira, 26 de Outubro, veio ao terreno lançar um sério aviso à navegação sobre uma possível paralisação das actividades à escala nacional.

Os profissionais de saúde anunciaram que entre 07 e 28 de Novembro próximo alguns sectores vão paralisar as actividades como forma de pressionar o governo a voltar a mesa de negociações, depois de terem sido, supostamente, enganados durante as auscultações com uma tabela em que estavam enquadrados num nível salarial diferente do actual e pior ainda com subsídios de exclusividade, risco e de disponibilidade.

De acordo com Gilberto Manhica, Bastonário da Ordem dos Médicos de Moçambique, o Executivo não cumpriu com as promessas que fez à classe médica na reunião realizada entre as duas partes no dia 26 de Agosto do ano em curso.

“Está claro que não há vontade da parte do Governo de melhorar as condições da classe. Está na hora de não falarmos e recuperarmos soluções. Significa que vamos, mais uma vez, falar sozinhos. Tomamos uma decisão de uma forma unida, vamos paralisar as actividades como foi sugerido aqui e nós vamos estar unidos para representar a nossa classe. Não vamos mais aceitar a falta de respeito”, declarou Manhica, para depois dizer que os

médicos sentem-se traídos pelo Executivo, tendo igualmente aberto uma janela para o diálogo.

“Vamos enviar uma lista dos serviços que serão paralisados sempre tentando não prejudicar a nossa população. Não queremos que violem os nossos estatutos e direitos. Queremos que cumpram com o que prometeram. Sentimos que fomos traídos. Nós estamos abertos ao diálogo, mas se chegamos a esse ponto é que não estamos a ter diálogo. Enviamos uma carta para o primeiro-ministro, com conhecimento do Presidente da República, do ministro da Economia e Finanças, do ministro da Administração Estatal e Função Pública e do ministro da Saúde, mas até hoje não tivemos a resposta”, rematou.

Por seu turno, Milton Tatia, presidente da Associação Médica de Moçambique, referiu que com a entrada em vigor da Tabela Salarial Única alguns médicos passaram a receber salários abaixo do que auferiam, embora esteja contemplada a cláusula da irredutibilidade salarial, tendo igualmente falado da estranha redução do subsídio de risco de 30 para 5%.

“Esta irredutibilidade cria condições para que tenhamos duas classes de médicos a fazer o mesmo exercício, mas os que estão no sistema iam beneficiar da irredutibilidade, mas os recém-contratados não, porque este instrumento havia de afectá-los.

Constatamos que, de uma forma estranha, os subsídios de risco que caracterizam a profissão médica tinham inicialmente estipulado na ordem dos 30%. Na primeira proposta foi reduzida para 15% e nesta última proposta foi reduzida para 5%, o que significa que o legislador entendeu que foi reduzido o risco do trabalho do médico subitamente de 30 para 5%. Isto nos preocupa”, sublinha.

Nas entrelinhas, o presidente da Associação Médica de Moçambique compara a formação da classe médica com os demais sectores do Estado para exigir equilíbrio nos salários, justificando que os médicos investem muito na sua formação douradura.

“O que foi a filosofia propalada quando começamos com essas discussões é que efectivamente se estava a criar uma tabela que iria contemplar de uma forma justa todos os funcionários do Estado, ora sabendo que tinham outros que estavam a ganhar acima esperava que uma ascensão para suprir esse desequilíbrio. Esperava que houvesse uma consideração para os médicos e famílias que investem na sua formação. Os médicos fazem licenciatura em seis anos e outros três. Enquadrar esses dois profissionais no mesmo patamar não nos parece que seja um enquadramento correcto”, rematou.

Continua na pag 09

**E porque os números estão aquém da expectativa criada, os funcionários públicos estão revoltados. A classe dos médicos, sempre inconformada, foi a primeira a ameaçar paralisar as actividades.**

de um salário chorudo vai levar para a mesa de suas famílias um subsídio de representação que chega a superar o salário base de um especialista, o grosso dos funcionários públicos sem cargos

Tal como aconteceu em Janeiro de 2013, quando a classe médica paralisou as actividades durante nove dias em reivindicação do aumento salarial, a Associação Médica de Moçambique,

**Registro: 011/GABINFO-DEP/2020**

**DIRECÇÃO | REDACÇÃO E  
ADMINISTRAÇÃO**

Avenida 24 de Julho; nº 4318; 1º andar  
esquerdo; Cidade de Maputo

**DIRECTOR EDITORIAL:**

**Nelson Mucandze** | 84 6198544 |  
mucandze@evidencias.co.mz

**EDITOR:**

**Reginaldo Tchambule** | 828683866 |  
r.tchambule@evidencias.co.mz

**ADMINISTRAÇÃO:**

**Ângela Fortunato**  
| admin@evidencias.co.mz |

**COMERCIAL:**

comercial@evidencias.co.mz

**REDACÇÃO**

**Email:** redacao@evidencias.co.mz

**JORNALISTAS:** Duarte Siteo, Renato Cau  
e Aldo Matsinhe |

**REVISOR:** Wells Matsinhe | **EXPANSÃO:**

Gil Massingue - Cell: 843581907 e  
Edmilson Mate Cell: 847574905 |

**CORRESPONDENTES:** Beira - Jossias  
Sixpence | Nampula – Francisco Máquina,  
Pemba - Arnaldo Portugal

**COLONISTAS EFECTIVOS:** Luca Bussotti,  
Afonso Almeida Brandão, Alexandre Chiure,  
Teodósio Camilo

**Propriedade de:**



**Lúrio Comunicação Lda**

Numero de Registro de Entidade

Legais: 101353478

## TSU atrasa num contexto errado

Agora, a gestão transitou para a comunicação com objectivo de controlar a onda de descontentamento dos Funcionários e Agentes do Estado. Até as classes mais conservadoras, como é o caso dos magistrados do Ministério Público, já são citadas a subir de tom nas suas reclamações, evidenciando que as lacunas da TSU não foram todas supridas.

Não bastou criar expectativas falsas nos auscultados, como reclamam as diversas classes profissionais do sector público, devem, agora, aceitar o atraso dos salários de Outubro. É que até as 12h desta segunda-feira o Governo não tinha pago grande parte dos funcionários e bastava um levantamento superficial nos funcionários e instituições do Estado para apurar que afinal “processar e gerar ordens de pagamento” pode ser bem diferente de ter na conta o honorário, como tentou transmitir fraudulentamente o Ministério de Economia e Finanças, neste domingo (30), que veio a público informar que foram “processadas e geradas Ordens de Pagamento (OPs) para um total acumulado de 216 036 Funcionários e Agentes do Estado desde que o processo iniciou no dia 26/10/2022. Relativamente ao universo dos 353 629 funcionários enquadrados, representa uma percentagem de 61,1%”.

Estas incongruências discursivas sugerem a banalização do Estado por um Governo que cada afirmação que faz entra em choque com o apurado no terreno, num jogo de “mentirinhas”, com vista a entreter para ganhar tempo até a próxima gestão das emoções enquanto se esquece a última fraude, como se assistiu com as dívidas ocultas, que mesmo com os seus efeitos presente já nos conformamos.

De facto, os salários já tinham começado a cair, mas pelo universo dos que continuam a murmurar pelo atraso é provável que sejam

mais 137 393 que ainda não sabem o que efectivamente a implementação da TSU trás de novo nas suas casas. E os relatos dos que sabem também não são bons, quando a reacção é de indignação, num momento que o Governo enfrenta ameaças de greve dos médicos, e os professores, sem nenhum pré-aviso, paralisaram as actividades semana passada, bem à porta dos exames finais que devem iniciar nos próximos dias.

Na Educação, a insatisfação enraíza-se na discrepância relativa ao enquadramento de cada professor e funcionários que ocupam cargos de chefia, uma reclamação que devia ter sido acolhida nas correções feitas aquando da devolução da TSU em Junho, mas por má-fé ou incompetência o Governo, no quadro de auscultação apresentou uma proposta e foi implementar outra.

Além dos professores e outras diversas classes profissionais do sector público estão os médicos, que também se sentem “enganados e burlados” pelos números que têm sido apresentados actualmente e depois de várias reuniões para corrigir as tais incongruências detectadas a tempo, mas por alguma razão ignoradas.

Sem nem um til sobre a insatisfação relacionada com a implementação da TSU, veio no mesmo comunicado do domingo, o Governo, sobre o atraso, apelar aos funcionários que têm a responsabilidade pela verificação e conformidade da folha de salários nos respectivos Sectores, para que se dirijam aos seus locais de trabalho ou laboratório do e-SISTAFE mais próximo, ainda no dia de hoje (domingo), para verificarem as folhas e procederem à respectiva conformidade. O Sistema e-SISTAFE estará disponível até às 24h do dia de hoje, reabrindo amanhã às 6h, depois das operações rotineiras de manutenção”. É assim que se faz ouvido de mercador, enquanto a insatisfação generalizada floresce.

## “Chefe da Polícia” liderava esquema de imigração ilegal

O chefe do Posto Policial de Caphiridzange e dois seus subordinados encontram-se encarcerados nas celas do Comando Distrital da Polícia da República de Moçambique (PRM) de Moatize, província de Tete, após terem sido surpreendidos em flagrante delito a facilitar a entrada de onze imigrantes ilegais no país, numa rota inclusive usada para entrada de terroristas.



Ajustes directos continuam a dar prejuízos em meio a pouca responsabilização

## Governo perde milhões de meticais com obras abandonadas em Nampula

O governo continua a gastar milhões de meticais em adjudicações de obras a empreiteiros sem capacidade ou desonestos, o que muitas vezes culmina com obras largamente atrasadas. Um relatório recente do Centro de Integridade Pública (CIP), designado Rastreo da Despesa Pública, centrado em três distritos da província de Nampula, constatou que o grosso das obras que foram financiadas para àqueles dois sectores foram abandonadas e outras que deveriam ter sido entregues em Fevereiro do corrente ano estão inacabadas.

### Duarte Siteo

Para além do simples exercício de seguir o dinheiro gasto pelo Governo, com o Rastreo da Despesa Pública, o CIP está a avaliar se o envelope de recursos públicos inicialmente previsto foi efectivamente executado na sua totalidade e para o propósito pretendido, no tempo previsto e com a qualidade desejada.

Por esta razão, recentemente rastreou projectos para construção e reabilitação de infra-estruturas do sector da saúde e educação, por parte do governo, entre 2020 e 2022, em três distritos da província de Nampula, nomeadamente Meconta, Ribaué e Mossuril.

“Da visita efectuada às escolas beneficiárias, constatou-se que apesar de terem sido desembolsados cerca de 90% do valor, das 21 salas de aulas temporárias previstas para construção nos distritos de Ribaué, Meconta e Mossuril nenhuma

está em uso. Casos mais graves encontram-se no distrito de Meconta, onde as salas de aulas se encontram numa execução física abaixo de 25%”, refere o estudo do CIP, para depois acrescentar que apesar da autorização do Ministério de Educação e Desenvolvimento Humano às Direcções Provinciais a aplicar o regime excepcional de contratação pública (ajuste directo), dada a urgência na realização da actividade, as obras continuam inacabadas.

Ao desembolsar os fundos, o Governo espera ver as obras concluídas até ao início do presente ano lectivo, mas até Julho do ano em curso, segundo o CIP, cerca de 80% das salas de aulas encontravam-se abandonadas e ainda em obras.

No rol das justificações do incumprimento das metas, a Direcção Provincial de Educação declarou que as mesmas estão a ser “descontinuadas por não se-



rem aceites em algumas comunidades devido às suas características, pois estas, muitas vezes, usam chapas de zinco para a construção de paredes das salas e outros materiais que não atendem aos hábitos e costumes da população local e as altas temperaturas da Província”.

Por sua vez, no ano passado, o sector da saúde ao nível da província de Nampula planificou construir dois novos postos de saúde tipo II, nos distritos de Ribaué e Erati, e a reabilitação de três unidades sanitárias, nomeadamente o Centro de Saúde Chocas Mar, o Centro de Saúde de Corane, e a reabilitação do edifício da Direcção Provincial

de Saúde na cidade de Nampula.

As obras estavam orçadas em 46 milhões de meticais que foram pagos na totalidade aos empreiteiros, mas o CIP aponta que as obras de construção do Centro de Saúde no posto administrativo de Ribaué, no valor de 17,73 milhões, deveriam ter sido concluídas e entregues até Junho de 2022.

“A reabilitação e ampliação do Centro de Saúde Chocas Mar enferma de vários problemas, desde o uso de material de péssima qualidade, fendas nas portas e janelas, rachas nas paredes, entre outros. A obra também encontra-se fora dos

prazos para a entrega. De ressaltar que foram 3,75 milhões orçamentados e pagos para a reabilitação. Em relação à reabilitação do Centro de Saúde de Corane, foram desembolsados 1,75 milhões de MT. Entretanto, não existe nenhum vestígio de reabilitação”.

Falando do atraso da entrega das obras ao nível da província de Nampula, a Associação dos Empreiteiros da Província de Nampula (AEM-PRENA), para além de esquemas de corrupção, aponta o dedo ao Governo pelas sucessivas falhas em relação aos compromissos que assina com a classe dos empreiteiros.

## Ministra do Trabalho e Segurança Social monitora actividades em Niassa

A ministra do Trabalho e Segurança Social, Margarida Adamugi Talapa, está de visita à província do Niassa, desde esta Terça-feira, no quadro do acompanhamento do grau de implementação das actividades inseridas no Plano Económico e Social (PES) do sector, referente ao ano de 2022.

Em Niassa, Margarida Talapa escalará, para além da cidade capital provincial, Lichinga, o distrito de Lago, onde, na vila sede, Metangula, procederá, na Quarta-feira, dia 26 de Outubro, ao lançamento da primeira pedra para

a construção da delegação distrital do Instituto Nacional de Segurança Social (INSS).

Na cidade de Lichinga, a ministra do Trabalho e Segurança Social, para além de reunir com o seu sector, manterá encontro com os

parceiros sociais, nomeadamente os representantes da Organização dos Trabalhadores de Moçambique - Central Sindical (OTM - CS) e da Confederação dos Sindicatos Independentes e Livres de Moçambique (CONSILMO), bem como o Conselho Empresarial Provincial (CEP), no âmbito da promoção do diálogo social. Ainda em Lichinga, está agendada uma visita à empresa KEMA, que opera naquela província no ramo da indústria florestal.



De acordo com a Direcção Nacional da Criança (DNC), cerca de 13% das crianças, dos 12 aos 17 anos, que têm acesso à internet já sofreram abuso sexual on-line no país. Por outro lado, a DNC, para além de falar da falta de informação sobre os riscos da exposição à internet, observa que a crescente exposição de crianças à internet está a aumentar a vulnerabilidade ao abuso e à exploração sexual infantil.



Continuação da pag 06

## Professores em greve silenciosa e na Escola Secundária Josina Machel chegaram a paralisar aulas

A paralisação das aulas na Escola Secundária Josina Machel, na cidade de Maputo, ocorreu de forma repentina e silenciosa quando eram aproximadamente 9 horas da última quinta-feira e durou toda manhã até ao momento em que a direcção da escola decidiu convocar uma reunião de emergência para junto dos professores elaborar um documento que seria submetido ao Ministério da Educação.

A direcção da escola preferiu não falar do ocorrido ao Evidências, por considerar um assunto bastante sensível, tendo se limitado em dizer que o assunto já é do conhecimento da Direcção de Educação da Cidade de Maputo e que caso a nossa equipa quisesse ter mais esclarecimentos devia se dirigir às instituições competentes.

Uma fonte ligada ao corpo docente, que preferiu não se identificar, avançou que mesmo depois do encontro os professores continuavam numa espécie de greve silenciosa, ou seja, estavam no recinto da escola, mas ninguém dava aulas.

“Aqui ninguém está feliz com essa coisa da TSU. Nós trabalhamos dia e noite, mas agora querem piorar as coisas. Não é porque os professores não estão aqui, eles estão, mas ninguém está a dar aulas.



Quem vai dar aulas com fome? Se isto continuar assim duvido muito que vai se fazer APs e isso não é só aqui na Josina. É quase em todo país”, disse a fonte.

Ao que tudo indica, a paralisação de aulas na Escola Secundária Josina Machel é a ponta do iceberg de uma greve silenciosa a nível nacional. Na cidade de Maputo, por exemplo, os professores chegaram a convocar um encontro para o último sábado, num lugar não identificado, no bairro do Zimpeto, contudo não houve mais informação a respeito do referido encontro.

Há vários dias que vem circulando nas redes sociais várias mensagens apelando ao boi-

cote de algumas actividades, incluindo o atraso na entrega do aproveitamento do terceiro trimestre para comprometer os prazos dos exames.

O Evidências reproduz abaixo uma das mensagens dos professores mais partilhadas entre os docentes pelo WhatsApp:

### “Última Hora

Caros colegas Docentes (Professores).

É sabido por nós que a ONP é uma organização com intenções partidárias, o que não nos alarma não tomar posição perante o silêncio e o desrespeito que o Governo tem para

com a classe dos professores no que tange às injustiças salariais.

Colegas, não é justo que um professor DN1 que está a 15 anos na FP 4, 5, 6...anos na carreira tenha de receber mesmo salário com um que tenha talvez mesmos anos e 6 meses na carreira ou 1 ANO na FP.

O governo submeteu à AR uma proposta que antes foi apreciada e aprovada pelos grupos sindicais. Não se justifica que depois tenha que elaborar decretos fora do que foi aprovado.

Afinal, a classe Docente fica mais uma injustiçada em detrimento de indivíduos que por algum motivo são chefes de repartição, diretores ....

Colegas, dada a situação dos professores (SEREM ENQUA-

DRADOS NOS NÍVEIS PREVIAMENTE DISCUTIDOS E APROVADOS) urge a necessidade de:

..... NÃO ENTREGAR O AP DO 3º DE MODO A ATRASAR O PROCESSO DE EXAMES ATÉ QUE SE RESOLVA POR DEFINITIVO A PREOCUPAÇÃO.

1. Em todas camadas da área Docente, CONTROLAMOS O PROCESSO DE EXAMES E DEIXAMOS A CORRECÇÃO A CRITÉRIO DOS CHEFES MELHOR ENQUADRADOS;

2.FAZER SE AO SERVIÇO PARA CONTROLAR EXAME SO NO HORÁRIO DESTACADO;

3.APERTAR O CERCO NA SALA DE EXAME O QUE PODERÁ INFLUENCIAR NO AP FINAL;

4.DEPOIS DA REALIZAÇÃO DO ÚLTIMO EXAME, MANTER-SE NO SERVIÇO SEM REALIZAR NENHUMA ACTIVIDADE ATÉ AO ÚLTIMO DIA;

5.NÃO ACEITAR AMEAÇA DE CHEFE NENHUM, POIS TAMBÉM NÃO CONFLIA NADA, SENÃO EM MARCAR TE FALTA.

APELA-SE AO CUMPRIMENTO DAS RECOMENDAÇÕES PARA QUE SE FAÇA VALER A VOZ DO PROFESSOR!

REPASSE”.

## Em Nampula, também, os professores ameaçam entrar em greve e a ministra pede calma

Em Nampula, os docentes do ensino secundário geral estão também inconformados com o seu enquadramento, por isso convocaram uma reunião no último sábado, onde produziram, segundo nossas fontes, um documento que será submetido às autoridades competentes, para que seja feita a devida revisão do seu en-

quadramento antes da fixação da remuneração definitiva.

Durante a sentada, o grupo prometeu paralisar as actividades caso o Governo não responda satisfatoriamente a sua missiva e rever o que chamam de “abuso” e “falta de respeito e consideração por parte do governo do dia”. O encontro não contou com os profes-

sos que exercem cargos de chefia, pois estes chegam a receber quase o triplo do rendimento de um docente com nível de licenciatura. É que os directores passam a ganhar até 126.000,00Mt contra os nossos 37.500,00Mt ou 43.000,00 meticais.

Ciente do descontentamento dos docentes, a ministra da

Educação e Desenvolvimento Humano, Carmelita Namashulua, pede calma a todos os docentes e que todas as preocupações sejam canalizadas por meios abertos para o efeito.

“Estamos muito preocupados em relação a algumas inquietações que ouvimos. Como sector, estamos a trabalhar com a ONP no sentido

de ouvirmos com muito cuidado e rigor as preocupações dos nossos colegas. Por isso, queremos chamar atenção aos nossos colegas professores para que continuem a dar aulas, continuem a preparar os nossos alunos para os exames do próximo mês. É importante termos calma, este é um processo inacabado”, apelou.

As pinturas nas praças públicas na cidade de Pemba, província de Cabo Delgado, estão a gerar indignação no seio dos munícipes daquele ponto do país. A ministra da Cultura e Turismo, Edelvina Materula, justificou que os desenhos com homens com armas em punho e casas em chama não foram autorizadas pelo Executivo.



## Conselho Islâmico enaltece o envolvimento da SMS Catering no cumprimento de padrões halal

O Conselho Islâmico de Moçambique (CIM) destacou, semana passada, ter constatado “todo o envolvimento e colaboração da SMS Catering para o cumprimento dos padrões exigidos nos processos à obtenção do certificado halal”. O comunicado do Conselho Islâmico surge na sequência de uma nota posta a circular nas redes sociais pela Comissão Halal de Moçambique (CHM), na qual refere que os serviços fornecidos pela SMS Catering não obedecem os padrões “halal” definidos pela Comissão.

Antes da reação do Conselho Islâmico de Moçambique, a SMS, provedora de serviços de catering às companhias aéreas TAP, no percurso Maputo-Lisboa, e LAM, nos voos com partida de Maputo, tinha repudiado depois que teve conhecimento da informação posta a circular nas redes sociais pela Comissão Halal de Moçambique, pondo em causa os padrões Halal praticados por esta empresa.

“Considerámos lamentável esta atitude, pelo facto da SMS Catering estar em processo de certificação Halal

junto ao CISLAMO - Conselho Islâmico de Moçambique - Gabinete de Certificação Halal, que mereceu preferência da SMS Catering na avaliação que fez às entidades que emitem esta certificação”, lê-se no comunicado da SMS Catering.

A empresa refere ainda, no seu comunicado, ter tido o conhecimento de que a CHM - Comissão Halal de Moçambique não é uma entidade exclusiva para certificação Halal, como pretendia trazer à público, apelando deste modo para aquela comunidade “respeitar



as outras entidades de reconhecido mérito a nível nacional e internacional, provedoras do mesmo serviço”.

Ademais, a empresa que lidera o mercado Catering no país reafirma o compromisso e credibilidade nos procedimentos rumo à certi-

ficção Halal, em curso, junto ao Conselho Islâmico de Moçambique.

E, como pode se depreender do comunicado do CIM, a SMS Catering mostra-se “confiante na obtenção breve dos certificados que fazem jus ao empenho, rigor profissio-

nal, capacidade e qualidade que tem estado a consolidar ao longo dos cerca de 30 anos de existência, sujeita a auditorias internas e internacionais regulares que têm sempre comprovado que a empresa cumpre com os mais elevados requisitos exigidos”.

## KaTembe reflecte sobre regularização do DUAT e acesso à água potável

No âmbito da implementação do projecto de Acesso à Informação e Monitoria de Governação Local, a Associação para o Desenvolvimento Comunitário da KaTembe (ADC-KATEMBE) realizou, na última semana, no Distrito Municipal KaTembe, uma conferência denominada Cidadania Autárquica, onde foram debatidos temas relacionados com a regularização de Direito, Uso e Aproveitamento da Terra (DUAT) e acesso à água potável, por sinal dois problemas que tiram sono aos residentes daquele ponto do país.

Edmilson Mate

KaTembe é um Distrito Municipal que está em vias de desenvolvimento. Contudo, apesar de estar a poucos quilómetros do centro da Cidade de Maputo, ainda se debate com sérios problemas de acesso à água potável, sendo que, dos 32 mil habitantes, apenas 1 424 famílias é que têm acesso à água potável.

Financiada pela Fundação MASC, através da Iniciativa de Apoio a actores Não Estatais (PANNE), a Conferência Cidadania Autárquica, para além de reflectir sobre o acesso deficitário a água potável, bem como criar soluções para a resolução do problema, tinha o objectivo de abordar a problemática da morosidade da regularização do Direito de Uso e Aproveitamento da Terra (DUAT). Aliás, no que ao DUAT diz res-

peito, os moradores do Distrito Municipal da KaTembe vivem num cenário de incertezas, uma vez que o Conselho Municipal da Cidade de Maputo demora na atribuição e penaliza os moradores que várias vezes viram suas obras embargadas por não terem o Direito de Uso e Aproveitamento da Terra.

Oswaldo Tembe, coordenador do projecto Cidadania Autárquica, denuncia a lentidão na tramitação da documentação para a regularização do DUAT, tendo adiantado que igualmente a população ao nível daquele Distrito Municipal não tem tido acesso a informação sobre aquele processo.

Tembe acrescentou que a morosidade no processo de Uso e Aproveitamento da Terra culmina com

o embargo das obras por parte do Conselho Municipal, uma vez que as pessoas preferem construir enquanto aguardam pelo fim do moroso processo.

Na qualidade de representante do Conselho Municipal da Cidade de Maputo, Manuel Nhone reconheceu as dificuldades enfrentadas no que concerne ao fornecimento de água potável, urbanização e atribuição do DUAT.

Para Nhone, a Conferência Cidadania Autárquica é importante para o alcance de um consenso, visto que aproxima as comunidades e a administração municipal.

“Nós sabemos que KaTembe é um distrito com características semi rurais e está a caminhar com passos galopantes para a sua urbanização. Isso deve-se a vários factores, sabe-se que, no passado, só dependíamos do mar para chegar a KaTembe e hoje temos a ponte que nos trouxe vários desafios e sabe-se que o caminho para o desenvolvimento é acompanhado de vários desafios e problemas por solucionar. A componente da governação municipal não está a trabalhar sozinha, é importante a participação da comunidade”, declarou.

## Ntoko promove “Ecomissava”, feira de resíduos sólidos em Maputo

O Campus da Universidade Eduardo Mondlane (UEM), na cidade de Maputo, acolhe, entre os dias 3 e 5 de Novembro, a primeira edição do Ecomissava, uma feira de resíduos sólidos, da iniciativa Projecto Ntoko.

A iniciativa com o lema “Tornando o futuro mais sustentável” surge como parte da acção de responsabilidade social da Ntoko, visando promover o reaproveitamento dos resíduos sólidos.

É uma feira que vai juntar vários intervenientes para expor os seus produtos e serviços ecológicos, para além de realização de debates em torno dos resíduos sólidos, com o objectivo de mostrar aos jovens e ao público em geral que é criando que se aprende, a partir de experiências reais e sólidas de empresas e iniciativas que estarão em exposição e que haja consciencialização de que, afinal, o lixo pode ser transformado em luxo.

De acordo com Márcia Jone, directora da Ntoko, será uma feira virada a aspectos ambientais, o

que poderá atrair empreendedores na área de resíduos sólidos e, por essa via, praticarem a reciclagem.

“Temos visto que algumas pessoas já conseguem ver os resíduos sólidos como algo que traz dinheiro. Temos que entender a diferença entre o lixo e resíduos sólidos, a importância do descarte correto dos resíduos e a melhor forma de reaproveitar”, partilhou Jone.

Trata-se de uma feira mista, cruzando os debates e a exposição em simultâneo. Enquanto os diversos painéis discutem sobre a necessidade do reaproveitamento dos resíduos sólidos, na parte exterior, os feirantes irão expor o seu trabalho e, ao mesmo tempo, mostrar como têm realizado as suas actividades exploração consciente dos resíduos.



# SERVIÇOS DE FUMIGAÇÃO

## SEM QUINTAL

Tipo 1	Tipo 2	Tipo 3	Tipo 4	Tipo 5
1.500mt	2.500mt	3.500mt	4.500mt	5.500mt

## COM QUINTAL

Tipo 1	Tipo 2	Tipo 3	Tipo 4	Tipo 5
1.800mt	2.800mt	3.800mt	4.800mt	5.800mt



contacte nos

+258 82 145 7069

Av. Rio Limpopo

Alto Mae B Casa nº 83

MAIS PROTEÇÃO PARA VOCÊ,  
SUA EMPRESA E SUA FAMÍLIA

A Biofarma, empresa de origem na Indonésia e um dos maiores produtores da vacina contra a pólio a nível internacional, mostrou interesse em abrir uma unidade de produção em Moçambique. Essa manifestação de interesse foi tornada pública durante a visita dos empresários moçambicanos a aquele país asiático.



Vítimas de violência obstétrica e da letargia da justiça

# PGR engaveta processos de mulheres que perdo

*Vítimas com traumas dos “filmes de terror” que viveram nas maternidades  
Saber Nascer levou 10 casos à PGR e nenhum teve desfecho  
Inércia do judiciário reforça descrédito que as vítimas têm do sistema*

**A** pesar do lema do sector da saúde no país preconizar a vida como seu maior valor, ainda persistem casos de violência obstétrica nas diversas unidades sanitárias espalhadas pelo país. Algumas vítimas, que viram o sonho de ser mãe adiado por negligência de profissionais da saúde, chegaram a tentar responsabilizá-los criminalmente, contudo acabaram desistindo devido a uma suposta “cumplicidade” do sector da justiça. Para a Directora Executiva da Saber Nascer, uma organização que promove a humanização obstétrica e empoderamento de mulheres em matérias de Violência Baseada no Género e Violência Obstétrica, Camila Fanheiro, a inércia do sector da justiça contribui para a perpetuação da impunidade contra aqueles que, por vezes, de forma deliberada violentam e/ou adiam o sonho de muitas mulheres de se tornarem mães, o que deixa nas vítimas traumas para a vida toda.

## Duarte Siteo

Em algumas partes do mundo, o parto constitui um dos actos mais felizes da vida de uma mulher, mas no con-

vido a institucionalização de cobranças ilícitas, e quem não está disposto a pagar arrisca-se a sofrer maus tratos e sonogação de atendimento adequado, que por vezes culminam com perda do bebé durante o parto.

Quem já passou por uma maternidade e foi abandonado no leito de uma maca ou no banco, sem nenhuma assistência e ouvindo os insultos de profissionais de saúde insensíveis com a sua dor, guarda até hoje lembranças sombrias que o tempo é incapaz de apagar.

Em Março de 2021, Alexandra Machava perdeu o bebé e em seguida foi humilhada pelas mesmas enfermeiras que lhe negaram socorro quando clamou por ajuda. O tempo passou e a sobrevivente ainda guarda sequelas daquele fatídico dia. Aliás, de acordo com a irmã da vítima, Machava já não é a mesma desde aquele acontecimento que deixou a sociedade de queixo caído.

Ao Evidências, Vania Machava referiu que mesmo com assistência de um psicólogo a irmã não consegue segurar as lágrimas nos olhos quando ouve um choro de uma criança.

“O tempo passa, mas este sofrimento ainda não terminou. A minha irmã ainda não conseguiu superar aquela perda, ela acredita que se tivesse sido ajudada a história seria

outra. Por vezes chora sem nenhuma razão e a situação piora quando se depara com uma criança recém-nascida a chorar. Nenhuma mulher gostaria de estar na pele dela, infelizmente aquela cicatriz ficará para sempre guardada na história da vida dela”, denuncia.

## As marcas que nem o tempo consegue apagar

Para amenizar o sofrimento da sobrevivente, a família evita falar de maternidade na presença dela, devido ao trauma que ela desenvolveu no dia em que, depois de ser negada o devido socorro, perdeu o seu bebé e ainda foi humilhada e obrigada a limpar o chão.

“Se não fosse pelo apoio da família, a minha irmã teria grandes problemas psicológicos hoje em dia. Depois de alguns meses, mesmo não estando grávida, ele foi ao hospital para fazer consultas pensando que ainda estava grávida. Mesmo com os poucos recursos que temos, conseguimos um psicólogo para nos ajudar a resolver o problema dela. Felizmente, ela conseguiu superar essa fase sem mencionar que antes gostava de falar da maternidade, mas como percebemos que aquilo lhe provocava emoções fortes, preferíamos abraçar o silêncio quando falasse do assunto”, relata a irmã



da vítima.

Com vista a responsabilizar as funcionárias do posto de Saúde de Ndlavela que estavam a escutar música na altura em que a vítima entrou em trabalho de parto, abandonada num banco da maternidade, com auxílio de organização da sociedade civil, a família Magaia

decidiu submeter uma queixa-crime.

“Quando do sucedido fomos aconselhados a procurar uma instituição que lida com os direitos das mulheres para processar o hospital e as enfermeiras que estavam em serviço naquele dia. No início, o processo correu normalmente,

## “Em Moçambique ainda não

Pensativa e com ar de poucos amigos estava Laurinda Matsule (nome fictício) quando foi abordada pelo Evidências no bairro da Machava Bunhiça, arredores do Município da Matola. Matsule faz parte do exército de mulheres que foram violentadas nas diferentes unidades sanitárias e preferiram sofrer no silêncio por não confiar no sistema da justiça.

Laurinda, actualmente com 39 anos de idade, olha para o Hospital Provincial de Maputo como um autêntico cemitério para enterrar o sonho das mulheres que ficam nove meses de gestação na espe-

rança de carregar o filho nas mãos.

Sentada em frente a banca de hortaliças, com voz trêmula, a vítima apontou que urge a necessidade do Governo melhorar as condições da classe médica para acabar com a violência que se regista nas unidades sanitárias.

“A questão de violência contra mulheres grávidas nos hospitais já tem barbas brancas e o Governo está ciente disso. Não podemos fechar os olhos a esta triste realidade. Perdi o meu filho em circunstâncias que ainda me custa acreditar, no Hospital Provincial de Maputo. Por não ter dinheiro para pagar as

texto moçambicano esse momento é um grande desafio, pois entrar e sair da maternidade com um rebento nos braços não é para todos, de-

## Transportadores obrigados a repatriar cidadãos ilegais

Com a aprovação da proposta de lei que estabelece o Regime Jurídico do Cidadão Estrangeiro, fixando as respectivas normas de entrada, permanência e saída do país, bem como os seus direitos, deveres e garantias, as transportadoras e singulares envolvidos na facilitação da imigração passam a ser obrigados a repatriá-los, assumindo todas as despesas que surgirem do processo.



# eram bebés após maus tratos nos hospitais



vam a trabalhar naquela noite, mas ele alegou que aquilo ia aumentar o nosso sofrimento. Por outro lado, declarou que

nunca tinha acompanhado um caso em Moçambique em que um profissional de saúde foi condenado por maltratar

um paciente. Infelizmente, os infractores continuam à solta em diversos hospitais do país”, desabafou.

## “PGR diz que não há enquadramento legal e inspecções dizem que é mal-entendido”

A Saber Nascer, um movimento da sociedade civil, cujo propósito é erradicar a violência contra a mulher com foco na violência obstétrica, promovendo a humanização obstétrica e empoderamento de mulheres em matérias de Violência Baseada no Género e Violência Obstétrica, é uma das instituições que procura levar à barra da justiça os profissionais que maltratam as mulheres nas maternidades.

Entretanto, segundo Camila Fanheiro, directora executiva daquela organização da sociedade civil, em Moçambique o grosso dos casos relatados à justiça ainda não teve nenhuma resposta, tendo dado o exemplo do caso despoletado pelo Evidências em Março do ano passado, que dava conta de uma mulher que perdeu o filho por negligência das parteiras no Centro de Saúde de Ndlavela.

“Já levamos para o tribunal mais de 10 casos de violência obstétrica, mas nenhum deles tem resposta até ao presente. A título de exemplo é caso que o Jornal Evidências despoletou no mês de Março de 2021, que até hoje não tem nenhuma resposta. Todos casos que foram levados até a procuradoria ainda não têm nenhum sucesso e uma das coisas que sempre deixam ficar é se tem ou não enqua-

dramento legal. Diz que não há crime, existe simplesmente um mal-entendido. Até ao momento, não temos nenhum caso de sucesso em que o Estado moçambicano se responsabilizou ou pelo menos fez uma acareação entre todas as partes”, denunciou Fanheiro.

Preocupada com os altos índices de violência obstétrica no país, Fanheiro defende que a sociedade deve olhar para a violência obstétrica como um crime e deixar de acarinhar os violadores.

“Enquanto não olharmos para violência obstétrica como crime, vamos continuar a acarinhar os opressores e os violadores. A postura do Governo e posicionamento das unidades sanitárias no momento das queixas afasta efectivamente as vítimas. A pergunta que as pacientes fazem ao Saber Nascer é como vamos confiar em uma inspecção que não é imparcial, como é que teremos coragem de ir denunciar e no final do dia os processos ficarem arrumados nas gavetas? Muitas pessoas acabam desistindo”, frisa.

### “A sociedade deve acarinhar as vítimas da violência obstétrica”

Enquanto o sector da justiça protege os agressores, a

psicóloga Nilza Samuel defende que a sociedade deve acarinhar as vítimas de violência obstétrica para evitar traumas.

“Ninguém gostaria de carregar algo valioso durante nove meses para depois perder por negligências de pessoas que juraram salvar vidas. Depois de serem violentadas, as mulheres ficam traumatizadas e é necessário um tratamento psicoterapêutico para evitar males maiores. O trabalho psicológico em si só pode não ser suficiente, a sociedade onde as vítimas estão inseridas é chamada a acarinhar as vítimas ao invés de estigmatizá-las como tem acontecido”, recomendou.

Indo mais longe, Samuel disparou que os profissionais de saúde precisam de uma reciclagem periódica e de acompanhamento psicológico para entender de onde é que surge a vontade de maltratar mulheres grávidas.

“Como psicólogos, sempre defendemos que os sobreviventes devem ter um acompanhamento psicoterapêutico, mas nunca olhamos para a outra face da moeda. Temos que procurar perceber dos médicos o que os leva a maltratar os seus pacientes, talvez assim teríamos respostas para acabar com violência nos hospitais”, sublinha.

mas com o tempo as coisas mudaram. Todas as vezes que íamos à procuradoria não tínhamos uma resposta plausível. Vimos que estávamos a procurar uma agulha no palheiro e preferimos aguardar pela justiça divina, porque a dos homens mostrou que só funciona quando se trata de ladrões de gali-

nha no nosso país”, lamentou.

Prosseguindo, a fonte referiu que ao desistir a família ganhou uma lufada de ar fresco porque poupou o que era usado para o transporte e para tratar alguns documentos que posteriormente eram anexados no processo que ficou estagnado na Procuradoria-Geral da República.

## há justiça para os violadores”

enfermeiras fui abandonada à minha própria sorte. A minha bolsa estourou e não tive ajuda. Quando o médico veio me ajudar já era tarde, uma vez que o meu filho nasceu sem vida”, declarou, para depois apontar que não lhe faltou vontade de entrar em vias de facto com as enfermeiras.

“Aquilo que aconteceu foi um verdadeiro golpe para as minhas aspirações. Quando elas se aperceberam que o médico já estava a me atender quiseram passar de vilões para heróis. Juro que se tivesse forças poderia ter saltado para cima delas porque quando

era para me ajudar me ignoram e apareceram para me oferecer ajuda depois de perder o meu filho”, desabafou.

Processar as enfermeiras era uma das ideias que Laurinda tinha em mente assim que tivesse alta. Contudo, viu a sua pretensão travada pelo marido, uma vez que este não queria ser exposto e por não acreditar no sistema judiciário que, ao seu ver, sempre protege o infrator.

“Quando saí do hospital falei com o meu marido sobre a possibilidade de meter uma queixa-crime contra as enfermeiras que esta-

Executivo pretende massificar o uso de gás nas residências até 2030

Até 2030, segundo o director nacional de Hidrocarbonetos e Combustíveis, Moisés Paulino, o Governo pretende alargar para 15 milhões o número de moçambicanos a usar gás de cozinha nas suas residências, no âmbito da iniciativa para a massificação do uso deste recurso energético, lançada em Abril deste ano pelo Presidente da República.



## ABSA Bank promove Campanha Poupança Feliz em Escolas Primárias

Inserido nas acções em prol do Mês da Poupança, o Absa Bank Moçambique está a promover, desde o início do mês de Outubro, várias palestras educacionais sobre poupança em diversos estabelecimentos de ensino primário a nível nacional.

Uma das grandes prioridades do Absa Bank Moçambique, no eixo das suas acções de Cidadania, é traduzir o compromisso com o desenvolvimento sustentável, contribuindo para a capacitação da juventude e para uma sociedade com adequados níveis de educação. A promoção da inclusão financeira e reforço da literacia financeira é uma das formas de capacitar a população moçambicana para que se desenvolva económica e financeiramente.

Nesse sentido, e no seguimento da celebração do

Mês da Poupança, a instituição bancária juntou-se a várias escolas primárias e tem desenvolvido palestras que visam ensinar e explicar às crianças da 5ª classe a grande importância de saber poupar, como poupar, o que é o dinheiro, um Banco e como estas podem preparar o seu futuro.

Por ser uma iniciativa de grande interesse e com impacto, vários colaboradores do Banco têm-se juntado às acções de forma a manifestar a sua preocupação em contribuir para uma nova geração



mais informada e com mais ferramentas para gerir o seu dinheiro.

Achiana Khan, uma das colaboradoras do banco, par-

tilhou a sua visão depois da primeira palestra: "Se aos 10 anos me tivessem ensinado a importância da poupança, a minha relação com o dinhei-

ro seria diferente. Trabalho num banco e tenho a sorte de saber gerir bem o meu dinheiro, e agora de ensinar a todas estas crianças a importância de respeitarmos o dinheiro dos nossos pais e no futuro saber valorizar o nosso dinheiro. Uma população educada é uma população capaz e é aí que gostaríamos de fazer a diferença".

"Não queremos ficar por aqui. Queremos, através deste projecto, contribuir para a capacitação das nossas crianças através da consciencialização de grupos de alunos da 5ª classe sobre a importância de poupar, em algumas escolas a nível nacional, pois sabemos que poupar é estar preparado para o Futuro", afirma Pedro Mondlane, outro colaborador participante na iniciativa.

## Universidade Politécnica entrega mais 436 graduados ao mercado

A Universidade Politécnica, a primeira e a mais antiga instituição moçambicana de ensino superior privado, graduou, sábado, 29 de Outubro, na cidade de Maputo, um total de 436 quadros formados em diversas áreas de saber e que vão, doravante, contribuir para o desenvolvimento do País, colocando em prática os conhecimentos e ferramentas adquiridos.



Trata-se de 299 licenciados pelo ISGCT (Instituto Superior de Gestão, Ciências e Tecnologias), 105 pelo ISA (Instituto Superior Aberto), e 32 mestres formados no ISAEN (Instituto Superior de Altos Estudos e Negócios).

Intervindo na cerimónia, o reitor da Universidade Politécnica, Narciso Matos, instou aos graduados a não olharem para o acto de recepção do canudo como o fim da jornada académica, pois o mun-

do está em permanente e rápida mudança. Por isso, devem continuar a estudar e a aprender.

"Vejam os imperativos da adaptação aqui à vossa volta: a pandemia, as chuvas e as secas regulares e cíclicas, as variações do mercado de trabalho. São mudanças que exigem adaptação", frisou Narciso Matos, que apelou aos graduados a participarem no desenvolvimento das suas comunidades e do País, em geral.

Repto semelhante foi lançado pelo ministro da Ciência, Tecnologia e Ensino Superior, Daniel Nivagara, que espera que os graduados façam bom uso do conhecimento adquirido, contribuindo para o desenvolvimento do País e ajudando a responder aos anseios da sociedade.

"É nosso entender que a melhor forma de honrarem a vossa formação e dignificarem a Universidade Politécnica é, sem dúvida, através da diferença pela positiva e da qualidade do serviço que prestarão à sociedade, para além do brio profissional. Exortamos a todos a dedicarem-se ao serviço do País e do mundo nas diversas áreas", considerou o governante.

Na ocasião, os graduados disseram estar cientes dos desafios que os esperam no mercado de trabalho, principalmente numa altura em que o País é assolado, de forma cada vez mais recorrente, por desastres naturais. Estes fenómenos naturais, associados ao terrorismo na província de Cabo Delgado, efeitos da pandemia da Covid-19 e a outros factores internos e externos, exigem que a academia esteja em constante reinvenção.

## João Carlos Pó Jorge eleito presidente das companhias aéreas da África Austral

O director-geral da LAM, João Carlos Pó Jorge, foi eleito para o cargo de presidente da Associação das Companhias Aéreas da África Austral (AASA), no decurso da 52ª Assembleia Geral Anual da agremiação, realizada de 14 a 15 de Outubro corrente.

No mesmo encontro, o CEO da companhia aérea Safair, Elmar Conradie, foi eleito para o cargo de vice-presidente. Os dois gestores estarão em exercício no período de 12 meses.

"A nossa indústria emerge da pandemia da COVID-19 de uma forma muito diferente do que era. Está ajustada, mais apta e mais forte, mas enfrenta consideráveis contrariedades económicas, regulatórias e ameaças externas, incluindo o fornecimento confiável de combustível, que é a questão mais urgente", foi referido pelo CEO da AASA, Aaron Munetsi.

"Tanto João Carlos Pó Jorge como Elmar Conradie são líderes altamente respeitados e conhecedores da indústria de transporte aéreo da África Austral e estão bem posicionados para fornecer orientação e apoio à medida que continuamos a liderar e falar em nome da indústria aérea e nos envolver em seu nome, com governos e reguladores em toda a região da SADC", acrescentou o



CEO da AASA.

A assembleia anual da AASA em 2022 contou com a presença de mais de 260 delegados representando companhias aéreas, aeroportos, navegação aérea e serviços meteorológicos, bem como fabricantes, fornecedores e outras partes interessadas no sector.

As questões abordadas incluíram a necessidade de acção urgente por parte dos governos da região, para rever as políticas e regulamentos que permitam uma indústria de transporte aéreo mais eficiente, abrangente e competitiva para servir e apoiar todas as economias da SADC.

O ministro dos Recursos Minerais e Energia de Moçambique (MIREME), Carlos Zacarias, tornou público que Moçambique já manifestou o interesse de fazer parte do Fórum dos Países Produtores de Gás (GECF). Zacarias deu a conhecer essa intenção durante a reunião com o secretário-geral do GECF, Mohamed Hamel.



Enquanto a Gemrock pede protecção do governo para retornar

## Montepuez Ruby Mining retoma operações em Namanhumbir após ataque terrorista nas proximidades

**A** principal empresa de exploração de rubis no distrito de Montepuez, província de Cabo Delgado, Montepuez Ruby Mining, detida em 75% de acções pela Gemfields, retomou, na última terça-feira, as operações de extracção de gemas de grande valor comercial, que haviam sido interrompidas devido a um ataque nas imediações. Enquanto isso, a outra empresa que explora rubis naquele distrito, a Gemrock, que foi atacada e perdeu parte do seu património, exige protecção das autoridades para que os malfeitores não voltem a infligir novas baixas.

### Evidências

A retoma da Montepuez Ruby Mining foi anunciada pela empresa Gemfields através de um comunicado, a mesma via que usou para revelar a paralisação na sequência de um ataque terrorista, a 20 de Outubro, nas redondezas, que afectou a outra mina vizinha à 12 quilómetros do seu estaleiro.

Para a retoma gradual das operações foi tomada em consideração o ambiente de segurança, explica o comunicado. A retoma vai ser faseada e a empresa vai continuar em alerta máximo.

“As actividades de mineração e processamento estão

sendo retomadas em fases após a devida consideração às percepções de ameaças na área de licenças. A Gemfields e a MRM têm a saúde e a segurança de seus funcionários e contratados como sua maior prioridade. A MRM permanece em estado de alerta máximo e mantém diálogo regular com as autoridades governamentais”, lê-se no comunicado.

Em Namanhumbir, fontes locais disseram ao “Evidências” que no dia do ataque em que a MRM evacuou o seu pessoal devido a aproximação dos terroristas, garimpeiros ilegais invadiram parte da mina, acto



que colocou em grande confusão com a equipa de segurança em serviço.

Por outro lado, a empresa de capitais indianos Gemrock, que recentemente investiu mais de dois mil milhões de meticais, no âmbito da exploração de rubis em Cabo Delgado, expressa preocupação depois das suas instalações terem sido atacadas pelos terroristas no dia 20 de Outubro corrente, e diz estar a precisar de apoio das autoridades para retomar

as operações.

Neste sentido, a direcção que representa os sócios da empresa diz estar a manter contactos com vários departamentos do governo moçambicano, para que ajudem a providenciar apoio militar no perímetro das suas operações para protecção do pessoal e seus bens.

Num comunicado tornado público esta segunda-feira, o director da Gemrock, Mark Jamo, entende que o não funcionamento dos trabalhos na

quela mina pode afectar directa e indirectamente os trabalhadores e suas famílias. Os trabalhadores locais representam uma quota de 90% de mão-de-obra da empresa.

Contudo, segundo Mark Jamo, a sua equipa, incluindo os trabalhadores expatriados, está em pânico devido ao ataque que deixou danificado a maior parte de equipamento da empresa que era usado, sobretudo nos trabalhos de escavação e transportes.

Um mês depois de paralisar actividades e ver suas acções caírem 21% na bolsa

## Syrah retoma exploração de grafite na mina de Balama

**A** mineradora australiana Syrah Resources Ltd ( ASX: SYR), que explora grafite no distrito de Balama, na província de Cabo Delgado, no nordeste de Moçambique, acaba de anunciar à Bolsa de Valores australiana que retomou as actividades em pleno após a resolução do conflito com uma parte dos trabalhadores que exigiam melhores salários.

A Syrah refere que as operações e a renovação do acordo de empresa “estão a ser levadas a cabo com o apoio das autoridades competentes do Governo de Moçambique” e em diálogo “com os representantes designados da sua força de trabalho sindicalizada”.

A mina parou em Setembro, devido a uma greve dos trabalhadores nativos, que a empresa sempre considerou “ilegal”, acusando um grupo de trabalhadores de ter colocado em causa a segurança do espaço.

Na ocasião, a empresa culpou uma pequena minoria de trabalhadores, sobretudo locais, que se insurgiam exigindo aumento de salários e “por precaução face à segurança dos funcionários” decidiu suspender as operações e retirar o pessoal da mina de Balama no passado dia 20 de Setembro.

Refira-se que devido a paralisação, a empresa somou muitos prejuízos. Aliás, no mesmo dia em que anunciou a suspensão das operações, a empresa de capitais australianos viu as suas acções caírem



21% no mercado bolsista.

O preço das acções da Syrah Resources Ltd ( ASX: SYR) caiu no fundo do vermelho, chegando a ser negociadas por US\$ 1,517 cada, uma queda de 20,58% no preço em que estavam a ser transaccionadas na passada sexta-feira.

A mineradora de grafite e desenvolvedora de ânodo de baterias produziu mais de 38 quilotoneladas de grafite no

trimestre actual e as vendas ficaram em 54 quilotoneladas.

Não é a primeira vez que as operações da Syrah são interrompidas de forma não planejada. As paralisações anteriores incluem ataques de insurgentes na mina da empresa perto de Ancuabe, a uma distância razoável do projecto Balama.

A empresa australiana tinha retomado, em Junho, as

operações logísticas na Estrada Nacional Número 1 (EN1), após suspender a movimentação de pessoal através da rodovia devido a ataques de rebeldes em Ancuabe.

Os ataques começaram a 05 de Junho e são os primeiros relatos de violência associada à insurgência no distrito de Ancuabe, a 100 quilómetros de Pemba, uma zona que até agora era considerada segura e que servia para abrigar deslocados.

A mina de Balama iniciou a produção comercial há quatro anos e foi destaque em dezembro, quando a Syrah anunciou um acordo com a multinacional de veículos eléctricos Tesla, que pretende usar grafite da mina, que é descrita como um dos maiores depósitos de grafite “de qualidade” no mundo pela própria companhia australiana.



SAL & PIMENTA

Afonso Almeida Brandão

## Quando a alma nos abandona

(Para o Jornalista Alexandre Chiúre, com um abraço Fraterno)

Alma é uma coisa estranha. Concluí que é intermitente, estilo semáforo no cor-de-laranja. Há alturas em que nos abandona completamente e não a conseguimos encontrar. Às vezes, só por umas horas, outras por mais tempo. Procuramos, procuramos, mas não aparece. Nem quando a chamamos aos berros, nem quando lhe falamos docemente. Evapora-se. Por fora, continuamos completamente iguais, embora tenhamos uma vontade irreprimível de comprar uns óculos escuros. Pressentimos que, se nos olharem bem nos olhos, talvez consigam descobrir que ela não está lá (a Alma, evidentemente!). Mas, à parte esse pormenor, falamos da mesma maneira, rimo-nos da mesma maneira e ninguém dá por nada. Só que quando ela se vai assim embora, ou se esconde, sei lá, não sentimos as coisas. Vêmo-las como num filme, emitimos juízos sobre elas, damos opinião, mas não nos provocam **“aquele calor cá dentro, nem sequer o frio”**, que habitualmente os acontecimentos muitos bons ou muito maus, nos causam.

Ia dizer que ficamos apáticos, mas acho que não é bem isso. Continuamos a responder aos acontecimentos na proporção dos estímulos, ou seja, reagimos com maior intensidade a uma doença de um Amigo, do que a uma esfoladela no joelho, a uma carta de parabéns do que a uma Notificação para irmos pagar Impostos às Finanças, mas atrevo-me a dizer que o fazemos por já termos **“decorado”** que é assim que nos devemos comportar naquelas situações. Aliás, o nosso discurso é perfeitamente lúcido, racional, e até nos provoca alguma admiração.

Provavelmente, canalizamos para os neurónios a energia que normalmente

gastamos com as sensações e, temos de confessar, que em termos práticos se compreende a utilidade desta troca de agulhas. Suponho que deve ser uma daquelas estratégias muito primitivas, estilo ficar paralisado quando se tem Medo, ou dar um salto para trás quando nos assustam, que fomos desenvolvendo ao longo dos séculos para nos ajudar a enfrentar e superar algum tipo de problemas.

A verdade é que temos problemas urgentes a resolver — seja um projecto profissional muito importante a entregar no dia seguinte, seja a necessidade de reestruturar a Equipa com a qual se trabalha, seja a urgência de mudar de Vida — então mais vale que o nosso cérebro trabalhe a todo o vapor e não se deixe atrapalhar por lágrimas inúteis ou choradinhos que não nos levam a lado nenhum. Arrumamos a Alma onde ela não atrapalhe, e atiremo-nos para a frente com o instinto de auto-defesa muito aguçado. Só assim conseguimos, sem deixar que a pena, o sofrimento dos outros nos atrapalham, fazer as coisas difíceis que temos para fazer, desde dizer umas verdades ao colega que constantemente nos atira com trabalho para cima, ao Chefe, aos Jornalistas, aos Políticos e Governantes oportunos e irresponsáveis, aos Professores **“de trazer por casa”**, aos Pintores, aos Músicos, aos Poetas, aos **“Escritores de Aviário”** que nos cercam, à mulher/marido, à prima que mais uma vez se nos quer **“atrejar”** para as férias. Eu sei lá que mais...

Estranhamente, também pode ser pelas razões inversas, quando temos de enfrentar realidades que nos fazem sofrer mais do que julgamos possível, como por exemplo, quando perdemos o Emprego — o que acontece com muita regularidade

em Moçambique —, enfrentámos uma crise familiar ou, ainda muito mais dramático — o pleonasma vem a propósito! — quando morre alguém de quem gostamos imenso. Ou o Divórcio bate-nos à porta... Então, podemos **“isolar os Afectos”**, como descobrir que chamam a este fenómeno os Psiquiatras, exactamente para não reagirmos tão emotivamente às agressões de que somos alvo, evitando assim saltar de um precipício ou cortar a cabeça a quem nos ataca. Queremos, a todo o custo, manter-nos juntos, equilibrados, sem perdermos o controlo do que dizemos ou fazemos, e então aí, para não sermos engolidos pelas emoções que sentiríamos se não estivéssemos anestesiados, entramos em piloto automático. Pelo menos, até julgamos que é seguro voltar a sentir.

Simultaneamente, parece que as Memórias também se perderam. Não conseguimos ir lá buscá-las, com facilidade, como se o arquivo estivesse repentinamente fechado a sete chaves. Surgem, de vez em quando fragmentos, imagens, mas desfocadas e em mau estado, um pouco como se o que estivesse disponível fossem apenas aquelas fotografias piores, que guardamos numa caixa porque não são suficientemente boas para irem para o álbum de Família.

Às vezes irrita. E mete Medo. Apetece que nos **“belisquem cá dentro”** para termos a certeza que ainda somos capazes de sentir com força, mesmo que seja Dor. Temos momentos de pânico em que julgamos que perdemos a Alma de vez, mas depois, de repente, dá-nos um **flash** de Optimismo e temos certeza. Não, ela volta, porque não pode viver muito tempo sem nós! Acredita, Meu Caro e Querido Colega **Alexandre Chiúre** e acreditem também os nossos Leitores, quer queiram, quer não.



A esquina do sociólogo

Luca Bussotti

## O que a pandemia (não) tem ensinado

Um processo de remoção colectiva. É assim que pode ser definida a postura de governantes e cidadãos, um pouco por todo o mundo, diante do abrandamento (porque ainda não se pode falar de fim) da pandemia da Covid-19. Para alguns, este fenómeno pode ter sido um castigo divino, para outros a natureza que revoltou-se contra as manipulações que dele o homem está a fazer nos últimos tempos, para outro segmento da população uma conspiração, para outros um erro laboratorial... Em suma, uma série de explicações mais ou menos racionais, que recordam muito de perto o que se fazia nos séculos escuros da peste europeia, quer em 1300, quer em 1600, quando os "autores" que supostamente espalhavam o terrível morbo eram capturados, torturados e queimados, como se deles dependesse a pandemia.

Nada disso aconteceu no caso da Covid-19... Vários séculos passaram e as coisas mudaram, entretanto – poucos meses depois de a pandemia ter diminuído os seus efeitos –, parece que a vida voltou ao normal, e que nenhum ensinamento assinalável foi deixado como legado pela gestão desta doença.

Com efeito, se o processo de remoção colectiva dela está sendo generalizado, no debate político ela desapareceu, mesmo naqueles países que já tiveram campanhas para realizar as suas eleições. Os dois casos provavelmente mais gritantes são Itália e Brasil. A Itália foi o primeiro grande país ocidental a contabilizar centenas de mortos por dia logo no início de 2020. E o governo italiano, mediante o seu ministro da saúde, Roberto Speranza, assumiu um posicionamento firme diante da pandemia: fechamento de todas as estruturas públicas (salvo hospitais, obviamente), implementação de um programa de smart-working e e-learning, fundos de apoio para as actividades privadas entradas em crise, máxima prudência nas movimentações necessárias, com uso de máscara facial e distribuição gratuita de vacinas, logo que elas foram disponíveis no mercado. Óbvio que houve algum excesso, mas a ideia básica – salvar vidas humanas – foi tida como exemplo de gestão de um fenómeno de que ninguém estava à espera. Por outro lado, a oposição da direita italiana – desde o partido da actual primeira-ministra, Meloni, até a Liga de Salvini – teve um posi-

cionamento ambíguo, nunca se sabendo se estava a favor ou contra as medidas do governo, alimentando um movimento bastante vasto de “no-vax”, contrários à campanha de vacinação contra a covid-19. A mesma postura céptica para com as vacinas foi defendida por outros expoentes da direita, tais como Trump e Bolsonaro.

Justamente no Brasil, Bolsonaro, repetidas vezes, definiu a covid-19 como sendo uma “gripezinha”. Ele atrasou a compra das vacinas, que em muitos casos foram adquiridas directamente por parte dos Estados (Brasil é um país federal), contribuindo (têm mais de 100 processos contra a ele para esta postura) ao agravamento da situação pandémica do Brasil. O país foi colocado na blacklist de todos os países ocidentais, e o cômputo dos mortos foi terrível, com até 5000 falecidos por dia devido à covid ou a complicações derivantes dela.

Quer no caso italiano, quer no caso brasileiro, as campanhas eleitorais que acabam de se realizar não tiveram a gestão da covid como elemento central; aliás, se no Brasil Lula recordou em algumas ocasiões o quanto Bolsonaro foi irresponsável na gestão da pandemia, na Itália praticamente nenhum partido levantou a questão, a não ser para declarar o que irá fazer no caso em que, futuramente, um fenómeno similar volte a se apresentar. Posicionamentos que estão a adquirir uma clareza ainda maior nestes últimos dias, em que Giorgia Meloni já formou o seu governo e começou a dar as primeiras dicas daquilo que fará. Um dos pontos toca a pandemia e a sua gestão (passada e futura). Acima de tudo, Meloni vai abrir uma comissão de inquérito contra o governo anterior e o ministro Speranza, devido aos supostos erros e às violações dos direitos relacionados com as medidas rigorosas adoptadas. A ideia é culpabilizar Speranza e o então primeiro-ministro, Conte, por ter adoptado medidas demasiadamente restritivas, que teriam colocado em risco a economia de milhões de italianos. O segundo ponto tem a ver com o futuro: Meloni declarou que nunca mais, nem em caso extremo, irá adoptar medidas de restrição máxima da liberdade de movimento das pessoas para salvar suas vidas. Em suma, se um fenómeno parecido ao da covid-19 irá voltar, a ideia é de que cada um cuide da sua saúde, sem que sejam tomadas medidas colectivas de saúde pública.

Nos dois casos acima citados, Itália e Brasil, os ensinamentos derivantes da gestão da pandemia poderiam ser inúmeros, e muito além de comissões de inquérito (que talvez o próprio Lula fará no Brasil contra a postura de Bolsonaro, num sentido oposto ao que se fará na Itália) contra os governos anteriores. Acima de tudo, o desmantelamento do sistema público de saúde – em proporções diferentes na Itália e no Brasil, mas presente nos dois países – foi um erro gravíssimo da vaga de neoliberalismo que tocou muita parte da Europa e da América Latina. Pensar (mais no caso italiano) de as famílias se livrarem dos seus idosos, colocando-os em asilos a pagamento geridos por privados, ao invés de construir uma rede de assistência socio-sanitária no território foi o principal elemento que contribuiu à eliminação, mediante a difusão da covid-19, de uma geração inteira de pessoas, as mais velhas e que melhor conservavam a memória colectiva de uma nação e de um povo. Em segundo lugar, e consequentemente (sobretudo no Brasil) hospitais públicos reduzidos a meras estruturas físicas, sem materiais essenciais para o tratamento dos doentes, tais como o oxigénio, resultaram no fracasso de todo o sistema de saúde, e na impotência dos médicos diante desta tragédia. Finalmente, a opinião pública dos dois países (e provavelmente do mundo) deparou-se imediatamente com o agravamento da situação económica derivante da guerra russo-ucraniana, esquecendo a pandemia e suas nefastas consequências. Por isso, provavelmente, este assunto foi removido das campanhas eleitorais dos dois países, como foi feito com a pandemia anterior, a influenza espanhola de 1919-20, de que podia-se ter aprendido muita coisa, mas que foi também removida, sem ter deixado nenhuma lição positiva a ser replicada hoje, cem anos depois.

Se a política, compreensivelmente, mas não justificadamente, tem uma pauta cada vez mais virada para o imediatismo, quem trabalha para ajudar a sociedade a reflectir (académicos, jornalistas, observadores) deveria chamar a atenção sobre os pontos rapidamente aqui arrolados: caso contrário, a próxima vez (que poderá não ser tão longe como se pensa) a humanidade terá de começar tudo de zero, com uma gestão ainda mais episódica e desordenada, e com ainda mais mortos que não nesta pandemia de covid-19.



## O FURACÃO

Alexandre Chiure

## Oposição, onde andas?

Oposição, é contigo que, desta vez, quero conversar. Não me leves a mal, eu sou assim: crítico, frontal e vou directo ao assunto. Vai ser, por isso, um diálogo um pouco chato, mas paciência.

Sabes, sempre que penso em ti vem-me a ideia de que a oposição à Frelimo encontra-se no seio da própria Frelimo. Há figuras internas que o partido libertador respeita e a quem presta muita atenção. Mas não te embirres com isso. São apenas elucubrações da minha parte.

Oposição, às vezes fico com a sensação de que tu não existes. Andas muito silenciosa. Não apareces, mesmo quando é preciso dar a cara. Não dizes nada, mesmo quando se espera que o faças. O que será que está a acontecer contigo?

Sabes que tens muita sorte? O partido no poder não se cansa de te oferecer trunfos políticos que, quando bem aproveitados, podem, e muito bem, avultar-te, mas não consegues tirar proveito disso. O problema é teu.

O teu adversário político, no poder desde 1975, tem estado a cometer falhas na governação, que dão direito a uma penalização política, mas não consegues explorá-las em teu próprio benefício por falta de perspicácia ou sentido de oportunidade.

A título de exemplo, um quadro sénior do partido libertador disse que os macuas de Nampula, o principal círculo eleitoral do país, são “falsos e sem direcção”. Um autêntico deslize. É uma declaração que dá pano para manga em política.

O que constatámos foi um silêncio cúmplice de quase todos os partidos políticos da oposição. Achas que estás a fazer política ao adoptares este procedimento? Não me parece.

Há, igualmente, o *dossier* TSU, que se transformou num labirinto do qual o governo não consegue sair. Cerca de 400 mil funcionários e agentes do Estado estão agastados com a situação, depois de reiteradas promessas não cumpridas. Mais uma vez, tu, oposição, não soubeste tirar partido desta situação em termos políticos.

Podia falar, também, da contínua degradação da qualidade de vida dos moçambicanos, com a constante subida dos preços de produtos básicos e da problemática dos transportes. Para quem quer fazer política a sério, estes poucos exemplos seriam suficientes para provocar celeuma nos jornais, nas estações de rádio e televisão, nos canais de *Youtube* e noutras plataformas de comunicação.

Oposição, afinal onde andas? Será que estás à espera das eleições para apareceres em público? Não achas que nessa altura será tarde demais? Aliás, atenção, as eleições estão à porta. Em Outubro de 2023 teremos as autárquicas e, em 2024, as presidenciais, legislativas e provinciais.

A propósito, o que é que estás a fazer, de concreto, em sua preparação? Será que já tens desenhada a estratégia para os três pleitos eleitorais? Algo me diz que não, o que seria lamentável. Depois vais reclamar, como sempre, quando perderes as eleições. Esqueces-te de que, parafraseando Samora Machel, “a vitória prepara-se, a vitória organiza-se”.

É chegado o tempo de te revitalizares, criar uma base de dados do pessoal que irá fiscalizar os processos eleitorais, desde o recenseamento, passando pela votação, até à contagem dos votos, sem descurar a necessidade de mobilização de fundos para garantir a logística eleitoral. Não acredito que te estejas a preparar com afinco. Queres provar-me o contrário? Fica à vontade.

Em todos os processos eleitorais queixas-te de que foste ludibriado. Com efeito, em alguns casos, podes até ter razão, mas não consegues reunir provas concludentes para sustentar a tua reclamação.

Quando tens provas, elas perdem o seu valor por submeteres o expediente de forma extemporânea, confiando na resolução de conflitos pós-eleitorais através de circuitos políticos e não por vias legais, como é o recomendável.

Nas assembleias de voto tudo pode acontecer. As eleições internas do partido Frelimo provaram-me que sim. Um membro que não tinha, alegadamente, ganho o direito de ser incorporado no Comité Central, com apenas

91 votos, depois de exigir a recontagem, obteve 291, o suficiente para integrar o órgão. Ninguém soube explicar donde é que apareceram mais 200 votos. São coisas de eleições.

Oposição, não te esqueças de que estás em crise de liderança! Os dois líderes que tinhas já não se encontram entre nós. Refiro-me a Afonso Dhlakama e a Daviz Simango. Os seus substitutos são meros presidentes dos respectivos partidos. Tem cuidado, pois essa é uma grande fraqueza.

Com Dhlakama vivo, por exemplo, a Renamo não tinha necessidade de recorrer a grande afã para obter resultados consideráveis (44 a 47 por cento do total dos votos nas legislativas e presidenciais). Vencia, habitualmente, em Sofala, Manica, Tete, Zambézia e Nampula. Sem ele, nas últimas eleições, a Renamo não logrou eleger um único governador provincial. Que cenário se vislumbra em 2023 e 2024?

Oposição, com essa mania de cada partido avançar sozinho para as eleições, não chegarás a lado nenhum, sobretudo porque a maior parte deles não dispõe de recursos materiais e financeiros suficientes para fazer uma campanha eleitoral adequada, em todo o país, para além de capital político forte com vista a convencer o eleitorado a votar neles. Por isso, separados, os opositores da Frelimo tornam-se fracos, mas, em coligações, podem fazer a diferença.

Oposição, porque não investir mais nas eleições provinciais e autárquicas onde tens uma larga possibilidade de vencer em algumas autarquias, e nas assembleias provinciais do que nas legislativas e presidenciais que, dada a sua complexidade, não estão ao teu alcance? Tens que crescer primeiro, politicamente, para sonhares com algo maior, que é ascender à Assembleia da República.

Só se concorre para as legislativas e presidenciais com candidatos fortes, à semelhança do que aconteceu recentemente em Angola com a UNITA, que avançou com Adalberto Costa Júnior. Aí, sim. O contrário não vale a pena, pois será uma perda de tempo. Bom, é apenas uma opinião. A decisão cabe, unicamente, a ti.

O presidente sul-africano reconheceu oficialmente, no sábado, o monarca Misuzulu ka Zwelithini do reino AmaZulu, o maior grupo étnico no país, com mais de 10 milhões de súbditos. A cerimônia teve lugar no Estádio Moses Mabhida, em eThekweni, província de KwaZulu-Natal, sudeste do país, adiantou a Presidência da República em comunicado.



## Avanços do grupo M23 deteriora relações entre RD Congo e Ruanda

O grupo rebelde Movimento 23 de Março, sobejamente conhecido por M23 e com raízes ruandesas, decidiu atacar algumas regiões no território ruandês, adensando ainda mais as relações entre a República Democrática do Congo e o Ruanda. Na sequência dos avanços do M23, o Presidente congolês, Felix Tshisekedi, decidiu expulsar o embaixador ruandês em Kinshasa. Por sua vez, o secretário-geral da ONU contactou o Presidente angolano, que tem mediado o conflito.

O porta-voz do governo congolês, Patrick Muyaya, reconheceu que o avanço do M23 nas cidades de Kiwanja e, sobretudo, Rutshuru, representa uma "ameaça à segurança nacional. A chegada maciça nos últimos dias de elementos do exército ruandês para apoiar os terroristas do M23" tem em vista uma "ofensiva geral contra as posições das forças armadas congolêsas".

Muyaya afirmou que, devido ao avanço, do grupo rebelde Movimento 23 de Março, o governo congolês decidiu

expulsar imediatamente o embaixador ruandês, Vincent Karega.

Quem ficou surpreendido com a expulsão do seu embaixador é o regime de Kigali, que aponta que recebeu com pesar esta edição, tendo igualmente adiantado que colocou em alerta as forças de segurança ruandesas na fronteira.

"É lamentável que o governo da RD Congo continue a culpar o Ruanda pelas suas próprias falhas de governo e segurança", lê-se no comunicado tornado público pelas



autoridades ruandesas, em comunicado.

Face aos últimos desenvolvimentos, o secretário-geral das Nações Unidas (ONU), António Guterres, contactou o Presidente angolano, João Lourenço, que tem mediado as conversas entre os dois países.

"O Presidente João Lourenço pontualizou ao secre-

tário-geral da ONU sobre as suas últimas diligências e António Guterres, na sequência, manifestou todo o seu apoio aos esforços de mediação do estadista angolano na RD-Congo", divulgou a presidência angolana na sua página no Facebook.

António Guterres manifestou, por outro lado, urgência em falar com os presi-

dentos Félix Tshisekedi, da República Democrática do Congo, e Paul Kagame, do Ruanda.

Refira-se que em Julho, Félix Tshisekedi e Paul Kagame encontraram-se em Luanda para uma cimeira tripartida mediada por João Lourenço para discutir uma solução para o conflito armado na fronteira leste da RDC

## ONU aponta que fome na África Subsaariana "é maior do que nunca"

O risco de fome e insegurança alimentar no continente africano, especialmente nos países da África Subsaariana, de acordo com o secretário-geral da Organização Mundial do Trabalho, Gilbert Houngbo, é, no presente, "maior do que nunca". Nas entrelinhas, Houngbo falou das consequências que a crise alimentar pode trazer para a segurança da região

Gilbert Houngbo que, nesta segunda – feira, 31 de Outubro, renunciou do cargo do Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola, falava a margem da conferência que visava discutir os efeitos da guerra na Ucrânia e outras crises no mercado de trabalho actual, referiu que receia que nos próximos anos haja mais actividades humanitárias nos países África Subsaariana.

Para além do aumento dos

preços dos alimentos e das dificuldades com a Iniciativa dos Cereais do Mar Negro, o Director – Geral da Organização Mundial do Trabalho mencionou que existem também problemas de acesso aos fertilizantes.

"A falta de acesso a fertilizantes reduzirá a produção e as oportunidades de emprego em países onde a agricultura representa até 25% do PIB", disse Houngbo, e acrescentou que as dificul-



dades do sector primário em África "aumentarão as desigualdades" entre países ricos e pobres.

Houngbo alertou, ainda, para as consequências que a

crise alimentar pode trazer para a segurança da região. Nesse sentido, mencionou que muitos grupos terroristas recrutam os seus membros em áreas especialmente

afetadas pelo desemprego e pela pobreza, como o é, por exemplo, Sahel.

Por outro lado, a crise actual pode servir, segundo o director-geral da Organização Internacional do Trabalho (OIT), agência das Nações Unidas, e antigo presidente do Fundo Internacional para o Desenvolvimento Agrícola (FIDA), para reduzir a dependência de muitos países africanos das importações e apenas um ou dois fornecedores.

Houngbo, a quem o espanhol Alvaro Lario sucedeu como presidente do FIDA, deu como exemplo países como o Sudão, que antes da guerra importavam 30% dos seus cereais da Rússia e Ucrânia, celeiros tradicionais globais.



É preciso reformar a impunidade

## Sinésio Taibo, o Juiz das absolvições estranhas

Avalanche Tchemané

**E**m Moçambique, há vários relatos de casos que vão ao tribunal e estranhamente conhecem desfechos impensáveis, tudo dependendo do humor do juiz da causa, que muitas vezes, despido do bom senso e da sensata consulta à cronologia factual, apenas delibera a favor daquele que melhor orquestra a narrativa, contrariando o princípio básico de consulta aos documentos do processo versus julgamento apurado dos factos. Nisto não quero descuidar o facto de existirem, por detrás dessas deliberações, absolvições e estranhas condenações, mãos molhadas do matope desta corrupção que já se mostrou dominante no país.

Ao meu ver, esta descrição problemática da justiça moçambicana reflecte bem o juiz Sinésio Taibo, que outrora absolveu a integrante da bancada da FRELIMO na Assembleia Autárquica de Quelimane, Nilsa Manuel, que teria ameaçado de morte o edil Manuel de Araújo, em Setembro de 2017. De acordo com o jornal Zambeze, numa edição da época, argumentou o juiz Sinésio Taibo, no caso de Manuel de Araújo, que “O tribunal entende que, sejam quais foram as palavras proferidas pela ofendida, devem ser vistas na perspectiva da retórica pelo ofendido – e não na perspectiva de um desígnio criminoso sério”. Sinceramente, não sei quando é que uma ameaça de morte, vinda de um opositor directo, pode não ser séria. Mas esse não é meu assunto.

Manuel de Araújo que se viresse, na altura não me interessou tanto o tema. Dizem que os problemas só nos encostam a espinha quando nos batem à porta. Passei a assumir esta afirmação como de verdade absoluta quando, bem recentemente, andei também pelas banhas do Tribunal Judicial de Ka-Mavota, onde na qualidade de denunciante participara de um julgamento que, pela desenvoltura do caso, era certo o desfecho, não fosse a interferência da realidade supramencionada. Era Sinésio Taibo o juiz da causa.

Contra todas as expectativas, documentos comprovativos, posicionamento da procuradoria e até da defesa do arguido, de forma isolada, o Juiz Sinésio Taibo decidiu determinar uma sentença baseada num relato falacioso construído sob uma misteriosa base que considerava apenas o depoimento do arguido e nunca da acusação e/ou do queixoso.

Mas afinal o que terá acontecido?

Depois de exausto com o calor que caracteriza o verão da capital, eis que em Janeiro do presente ano decido adquirir um electrodoméstico de ar condicionado para montar no principal compartimento da minha casa. Convicto de que adquirir aparelhos com conhecidos é sempre mais seguro, entro então em contacto com um cidadão que no passado (escola secundária) teria sido colega de carteira, desconhecendo o facto de que com a evolução do tempo este tenha adoptado uma conduta desviante. O indivíduo em questão pediu então dinheiro adiantado e assim vendeu-me um aparelho em péssimas condições e que ele próprio não conseguia colocar a funcionar, embora se autodenomine Técnico de Frio.

Insatisfeito com o bem, decidi então solicitar a ime-

diata troca do aparelho ou a devolução imediata do valor desembolsado. O dito indivíduo, imbuído de uma lábia invejável, veio a minha casa buscar o electrodoméstico defeituoso com a promessa de substituir no mesmo dia por um outro funcional, pelo que o permiti a remoção, até porque durante os dois dias pendurado sobre a minha parede nunca chegou a funcionar. Entretanto, depois de retirar o aparelho, o visado desapareceu e deixou de atender qualquer telefonema, ficando com o meu dinheiro e sem me ter montado nenhum aparelho de ar condicionado em casa.

Passaram-se alguns meses até que eu desse conta que estava a ser vítima de uma acção criminal deliberada e que, por isso, deveria recorrer sem mais delongas às instâncias da justiça. Foi então o que fiz, indo parar à procuradoria de Ka-Mavota, com todas as provas por mim reunidas para abertura de um processo-crime. Posteriormente, este mesmo criminoso foi várias vezes intimado a comparecer à procuradoria para explicar o seu paradeiro e dizer as razões que o levaram a desaparecer com dinheiro alheio, mas debalde.

O caso seguiu os trâmites legais? até que, no passado dia 20 de Outubro, 10 meses depois, era o dia do julgamento. Era a primeira vez que via aquele indivíduo depois que desapareceu com o meu dinheiro, com a promessa de me montar um electrodoméstico de AC em casa.

Quando o vi percebi imediatamente que já não se tratava apenas da reposição do dinheiro que me tivera surrupiado, mas sim de uma tentativa minha de reparar o Abuso de Confiança de que fui vítima, ao mesmo tempo que tentava mostrar (não sei por que crenças) que afinal a justiça funciona em Moçambique e o crime não compensa.

Depois de aguardar cerca de 10 horas num banco desconfortável, com fome e sede, eis que finalmente fomos chamados à sala de audiência, onde com a devida atenção narrei cronologicamente os factos, tentando sempre demonstrar as várias tentativas amigáveis de ultrapassar a questão e que foram ignoradas pelo indivíduo acusado.

Para arrancar o seu depoimento, o acusado começou por assumir parte da culpa, confirmando que sim recebeu de mim o dinheiro e passou um recibo (anexado ao processo) correspondente à venda de um electrodoméstico. Daí para frente architectou (sem provas) uma história que distorcia os factos e que aos meus ouvidos, da acusação e até da defesa do réu parecia mais um ruído de serração.

A dada altura, a própria defesa do réu teria questionado ao mesmo o porquê de, passados 10 meses, continuar propositadamente com esta pendência, uma vez que, segundo os seus argumentos, a sua intenção nunca foi de surripiar. Este, sem resposta, manteve-se sempre cabisbaixo.

No fim do julgamento ouviu-se da procuradora o pedido de condenação do réu tendo em conta algumas questões atenuantes. Passada a palavra a defesa do réu, a advogada teria também reforçado o pedido de condenação, solicitando a observância dos referidos atenuantes.

Dalí, estava claro que o futuro do arguido já era certo.

Seria sem dúvida a condenação. Ficou, entretanto, marcada a sentença para 7 dias mais tarde, concretamente para o dia 27 do mesmo mês.

Dia da sentença:

Eram 8h30 quando cheguei ao tribunal para uma sessão que estava marcada para às 9 horas. Fiz questão de levar comigo o laptop por crer que seria mais um dia de longa seca, à semelhança do ocorrido na sessão de julgamento. Desta vez foi diferente. O juiz Sinésio Taibo mal chegou e já tinha para nós novidades na axila. Convocou-nos a todos e em viva-voz narrou o seu entendimento relativamente ao que terá acontecido no negócio entre mim e o réu.

Enquanto o juiz narrava os “factos” os meus olhos esbugalhavam-se por detrás das lentes dos óculos, incrédulos do que os ouvidos transmitiam.

Uma história totalmente diferente. Era baseada absolutamente no discurso do réu. Totalmente falaciosa e totalmente desmeritosa por desconsiderar tudo o que se falou em tribunal, por desconsiderar a acusação e por desconsiderar até a defesa do réu.

Suas últimas palavras soaram como canhões para os meus ouvidos e gelaram a sala. “Absolvo o réu e determino que vá em paz por não ter cometido o crime de Abuso de Confiança. Aliás, aos olhos do tribunal não houve crime algum”, declarou o juiz Sinésio Taibo. Fazendo com que semblantes de pena vindos de toda a sala de audiência mirassem sobre mim.

Quis falar mas não pude, sou leigo em direito mas ouvi por aí que falar depois da sentença é um acto de desacato. Engoli um balão de saliva e naquele momento desceu sobre mim o véu da realidade “Estamos em Moçambique”. A indignação foi ainda pior quando depois de expulsos da sala de audiência o referido réu, imbuído de um notável sarcasmo, quis tirar sarro da minha cara fazendo-me questões parvas sobre o desfecho do caso. Para além de ficar com o meu dinheiro, abusar da minha confiança e me burlar teve ainda a anuência legal para passar a gozar comigo entre os seus amigos. Foi um festival de diversão para aquele indivíduo que passou a ter carta-branca para aldrabar ainda mais pessoas. Ele faz isso recorrentemente, entretanto eu fui a única pessoa que, pela primeira vez, teria o levado à barra do tribunal.

Estou a tentar não pensar que tenha havido actos de corrupção por detrás. Estou a tentar acreditar que inocentemente o juiz ignorou os factos arrolados no processo e por conta própria tomou a decisão que aos seus olhos pareceu correcta. Estou a tentar acreditar que o juiz e o réu não têm nenhuma relação e não tiveram nenhum tipo de contacto ao longo dos sete dias de espera da sentença. Estou a tentar acreditar que ainda há esperança. Só estou a tentar. Estou a tentar, mas as palavras de Manuel de Araújo, proferidas depois que o juiz Sinésio Taibo absolveu a integrante da bancada da FRELIMO na Assembleia Autárquica de Quelimane, Nilsa Manuel, ecoam na minha cabeça até agora. Disse de Araújo “o nosso sistema está capturado”...

Nisto tudo interiorizei apenas que a justiça em Moçambique quer ser um rio salgado.



**Campo de multiuso  
Piscina, Parque e área verde**



**Casas T3 (165 m2)  
Ambiente de condomínio  
Contacto: +258 871200000**

## Moçambique não vai ao CAN entre escolas

As Escolas Secundárias da Matola e da Liberdade, em masculinos e femininos, não vão participar na fase zonal do Campeonato Escolar Africano da CAF devido a problemas financeiros por parte da Federação Moçambicana de Futebol. O presidente da Federação Moçambicana de Futebol, Feizal Sidat, disse que são necessários 60 mil dólares, valores que a FMF não tem.



# Boxe moçambicano exhibe seu valioso perfume no World Boxing Tour

O boxe moçambicano continua a escrever a sua história com letras douradas nos anais do desporto internacional. Depois da excelente aparição no Campeonato Africano, realizado em Maputo, que por sinal contribuiu para que o país ascendesse a primeira posição do ranking do continental, os pugilistas moçambicanos voltaram a espalhar o seu valioso perfume no World Boxing Tour, prova disputada na Eslovênia. Naquela prova do circuito internacional, Moçambique conquistou quatro medalhas, das quais uma de ouro, uma de prata e duas de bronze.

### Duarte Siteo

Desde que Gabriel Junior assumiu os destinos do boxe moçambicano a modalidade saiu do anonimato para a ribalta e no presente é uma das que honra a bandeira nacional nas competições internacionais.

Os pugilistas nacionais, ainda inspirados com as conquistas do Africano, chegaram, viram e venceram no World Boxing Tour. Naquela competição realizada no velho continente, Moçambique

conquistou quatro medalhas, das quais uma de ouro, uma de prata e duas de bronze.

Helena Bagão foi a única moçambicana a conseguir chegar à posição mais almejada do pódio, depois de vencer na finalíssima a pugilista húngara Monica Ipos. Albino Gabriel, na categoria de 80 – 86 kg, teve uma excelente prestação nas meias-finais, mas na derradeira batalha pela medalha de ouro vergou perante o armênio



Rafayel Hovhannisyan.

Por sua vez, Armando Sigauque (54Kg) e Tiago Muxanga (71Kg) caíram nas semi-finais e tiveram que se contentar com a medalha de bronze, enquanto Alcinda Panguana e Rady Gramane

não competiram naquele circuito internacional por falta de adversárias.

Aliás, mesmo sem competir, as duas pugilistas foram consideradas vencedoras das suas respectivas categorias, tendo Moçambique somado

pontos no ranking internacional, depois de enviar um protesto à Confederação Internacional do Boxe que julgava que as moçambicanas não podiam somar pontos por não terem entrado no ringue.

## Moçambique falha pódio e qualificação para o Mundial

# Nyusi “brilhou” mais que os Mambas de pés descalços nas áreas de Vilankulo

### Colapso dos comandados de Abnero Ussaca iniciou-se na COSAFA

Depois da excelente aparição na penúltima edição do Campeonato Africano, realizado em Dakar, Senegal, Moçambique candidatou-se para organizar “Africano” do presente ano com o claro objectivo de superar o segundo lugar e repetir a presença no Campeonato do Mundo da modalidade, mas de balde. Mesmo jogando em casa não conseguiu terminar o certame nos lugares do pódio e por isso falharam a qualificação para o mundial. Os pupilos de Abnero Ussaca começaram a claudicar na Copa COSAFA, e no certame realizado em Inhambane não conseguiram superar o tombo do Presidente da República, Filipe Jacinto Nyusi, na cerimónia de abertura, terminando a prova na quarta posição.

### Duarte Siteo

Diz o ditado que “o passado fica no Museu” e Moçambique mostrou nas areias de Vilankulo que não fez o devido trabalho de casa para brilhar no presente. Totalmente irreconhecível, tendo conseguido apenas uma vitória apertada diante do surpreendente Malawi, num total de quatro jogos disputados no CAN, a seleção nacional de futebol de praia esteve aquém do nível a que nos tem habituado.

O segundo lugar no Campeonato Africano, a excelente prestação do Mundial e a medalha de ouro na Cosafa fizeram de Moçambique um país a ter em con-

ta no que ao futebol de praia diz respeito.

Entretanto, depois do valioso perfume exibido nas competições supracitadas, os Mambas dos pés descalços caíram do céu para o inferno, uma vez que ficaram na sombra dos êxitos do passado e foram superados pelos seus rivais.

Com o claro propósito de mandar em casa, Moçambique até entrou com pé direito naquele certame continental, tendo vencido na jornada inaugural do grupo “A”, pela marca de 4 a 2, o Malawi.

Sendo um grupo com apenas três equipas, mesmo com o triun-



fo alcançado na primeira ronda, o combinado nacional era obrigado a vencer na segunda jornada para não depender de terceiros para chegar à fase que antecede a finalíssima. Contra o Marrocos, adversário com que fez três jogos particulares antes do CAN, a seleção nacional fez uma exibição paupérrima que ditou a derrota por 3 a 1.

O desaire obrigou Moçambique a torcer pela derrota do Malawi na derradeira jornada da primeira fase para seguir para a segunda fase como segundo clas-

sificado. A seleção magrebina fez o pleno e venceu o Malawi, resgatando a seleção anfitriã para as meias-finais, onde encontraram a toda poderosa seleção do Senegal, líder invicto do grupo B.

Contra o Senegal, os pupilos de Abnero Ussaca até estiveram a vencer pela marca de 2 a 0, mas os senegaleses mostraram que o jogo só se ganha depois do apito final do árbitro e deram a volta ao marcador, despejando, diga-se em abono da verdade, um balde de água na Arena de Vilankulo, que se vestiu a rigor para apoiar o

conjunto da casa.

Falhada a qualificação para a final do “Africano” e para o Mundial, a medalha de bronze era uma excelente oportunidade para recuperar a dignidade dos moçambicanos, mas de balde. A seleção nacional sucumbiu diante do Marrocos, que desta vez vacinou-nos com a marca de 6 a 4. Moçambique caía assim na recém-inaugurada Arena de Vilankulo, que na cerimónia de abertura assistiu a um outro tombo, desta vez presidencial, logo após ao pontapé de partida.

Importa referir que, em Vilankulo, o Senegal sagrou-se tricampeão africano depois de derrotar o Egipto por 6 a 5 na lotaria das grandes penalidades, depois de uma igualdade de duas bolas no final dos três períodos.

O mau momento dos mambas de pés descalços ficou evidente antes do CAN, quando não conseguiram revalidar o título da COSAFA, torneio regional da África Austral. Campeão da edição anterior, Moçambique não foi para além do modesto quinto lugar.

## Argentina Banze lança “Insistes em ignorar-me”

A escritora moçambicana Argentina Banze lançou, na sexta-feira, na Cidade da Beira, através da Editorial Fundza, o livro “insistes em ignorar-me”. De acordo com a Editora Fundza, o livro motivacional, de 80 páginas, pretende abrir caminhos para as mulheres e ampliar os seus horizontes, mostrando às mesmas que o matrimónio não é a realização da vida e que há outras conquistas importantes.



# Kuvinga reedita “Mutxukumetiwa” de Rei do Gado, 10 anos depois

**J**á tem nova data! A Kuvinga cartão d'arte – editora e plataforma de produção de livros artesanais – lança, no dia 24 de Novembro (quinta-feira), às 17h30, na Galeria, em Maputo, a novela “Mutxukumetiwa”, da autoria do escritor moçambicano Rei do Gado.

Trata-se da primeira obra lançada pela editora há 10 anos, exactamente no dia 27 de Julho de 2012, juntamente com a obra “Estatuto e Focalização: Modalidades Técnico-narrativas Propensas à Expressão de Ideologias em Godido, João Dias, e Portagem, Orlando Mendes”.

Esta reedição de “Mutxukumetiwa” coincide com o lançamento da primeira obra de poesia de Rei do Gado, “Cansado deste tempo”. As duas obras terão a apresentação de Óscar Fumo, num evento que contará com a leitura de textos de Carla Marcelino e apresentação de uma peça de dança por Teresa Ku-

lei.

De acordo com Isolda Munguambe, coordenadora da Kuvinga, a obra “Mutxukumetiwa” é uma novela que, agora, vai na sua segunda edição, lançada com o surgimento da editora, uma fase embrionária do projecto e, por isso, havia ainda pouca experiência. Deste modo, assume Munguambe, a obra, “com este passar de anos, vai reflectir aquilo que é a evolução da própria editora.”

“Mutxukumetiwa” é um livro que fala sobre uma família que se viu separada porque o chefe de família foi trabalhar na África do Sul, a procura de melhores condições de vida



e nunca mais apareceu. Portanto, a família viu-se na responsabilidade da mãe e, dessa forma, o filho mais novo, que não conheceu o pai, tinha um gosto e talento pela bola, o que fez com que fosse descoberto por um profissional, cresceu no mundo da bola e desenvolveu o seu talento como um jogador de sucesso. Ao longo da vida foi co-

nhecendo várias mulheres e, assim sendo, desenvolveu um sentimento por uma moça e esse amor resultou num filho, mas, infelizmente, foi rejeitado pelo pai, separando-se da mãe.

Maxico, o protagonista da narrativa, torna-se viciado em bebidas, tabacos e, com o tempo, foi deixando o seu talento como jogador no campo, per-

dendo assim o seu título. No entanto, Maxico mete-se em fuga para a África do Sul, deixando a família para trás. Assim, a avô da criança atribui o nome de Mutxukumetiwa ao seu neto, dando a entender que a criança foi abandonada pelos seus pais.

Nesta segunda edição, “o enredo vai de forma mais profunda e elaborada explicar essas questões. Torna-se mais actual, porque traz aspectos bem relevantes para a nossa actualidade e nos leva à reflexão”, sustenta Munguambe.

“Cansado deste tempo”, por sua vez, é uma colectânea de poesia que reflecte vários aspetos sobre Maputo, a vida do sujeito poético, destacando as suas próprias reflexões.

“Há uma grande expectativa, pois são duas obras que têm um conteúdo que ajuda a reflectir e a pensar sobre a nossa própria personalidade”, finaliza Munguambe.

## Festival “Hello D’Zemba” cruza cultura e turismo na Ilha de Inhaca

**P**ela primeira vez, a Ilha de Inhaca, Maputo, recebe o Festival “Hello D’Zemba”. A acontecer na primeira semana de Dezembro, o evento pretende promover o potencial turístico-cultural de Moçambique para o mercado internacional, potencializando a comunidade local.

### Entre Aspas



Trata-se de um festival que vai acolher performances musicais nacionais e internacionais, a pretexto de atrair viajantes e exploradores, sobretudo estrangeiros, a descobrir as mais autênticas e pouco conhecidas “jóias” da cultura, história, tradição, gastronomia e natureza da ‘Pérola do Indico’.

Assim sendo, mais do que se divertir com os ritmos alternativos dos djs e artistas, o público terá à disposição passeios pela localidade e arredores assim como feiras de produtos locais ao longo dos dias do evento

O nome do festival, sugestivo por sinal, deve-se ao facto de este festival ser de cariz anual a decorrer na primeira semana do mês de Dezembro. Em forma de gíria, D’Zemba vem do inglês December (Dezembro) e assim dá-se as boas vindas ao mês mais esperado do ano.

A edição de arranque terá as actividades musicais e passeatas turísticas nos dias 3 e 4, sendo que os pacotes inclusivos com transporte e acomodação serão com partida a 2 e regresso a 5 de Dezembro. As performances serão no período da

tarde e noite dos dias 3 e 4, sendo que parte da manhã será reservada para os passeios turísticos até a hora almoço na vila

### Porquê Inhaca? Beleza, localização e cenário natural entram no pacote

A equipa da Khompass Travel — empresa de promoção turística por detrás da iniciativa — passou cerca de seis meses a explorar diferentes destinos moçambicanos e a fazer intercâmbio com os operadores locais e, após uma análise minuciosa, chegou à conclusão que a Ilha de Inhaca será o local perfeito para o Festival.

E os motivos são os mais esclarecedores possíveis: beleza e riqueza natural imensa e ainda não muito conhecida a nível internacional, pontos e actividades que carregam enorme bagagem tradicional e histórica; localização perfeita tanto para o nosso fluxo internacional (fronteiras e aeroportos) assim como para a logística local, actividades do género que grande parte do público deste tipo de eventos procura em zonas costeiras; “cenário natural”, per-

feito para o conceito deste tipo de festivais (clima, vegetação, lagoas e munas áreas arenosas) e o facto de

ser uma ilha tropical é um grande atractivo para o nosso público alvo internacional.

## Tardes de domingo (Para ANIFA, com amor)

A monotonia

O acaso  
O tempo que se alonga.

Tardes de Domingo.

O calor aceso nas janelas  
Como uma flor ao Sol.

E o teu corpo  
Quieto e perfumado  
No branco do lençol.

Afonso Almeida Brandão

(In «Reconciliação Das Palavras»  
A sair brevemente)

# EVIDÊNCIAS

60 Meticais

Nosso compromisso é com a verdade

**MATHE**  
INVESTIMENTOS E SERVIÇOS

20  
22

Chamada e Whatsapp:  
+258 821 457 069

- Fumigação;
- Pulverização;
- Desratização;
- Desinfecção;
- Higienização;
- Limpeza Residencial;
- Limpeza de Escritórios;
- Limpeza Comercial;
- Limpeza de Vitrinas;
- Limpeza pós Obras;
- Limpeza pós casa Arrendada.

Instagram: Mathe Investimentos  
E-mail: matheinvestimentos@gmail.com

Facebook: Mathe Investimentos & Serviços  
Mapulo - Matola

## ÚLTIMA HORA

Nova Democracia diz que TSU é fruto de um plano para oprimir o povo

### “Se não conseguem fechar uma tabela mínima de salários, como vão negociar o gás?” - Salomão Muchanga

**TSU “é um dilúvio!” - remata**

**D**iscursos políticos manipulados sobre Tabela Salarial Única (TSU) nos meses que antecederam o Congresso do partido Frelimo criaram enormes expectativas no seio dos Funcionários e Agentes de Estado (FAE), que esperavam melhorar as suas condições de vida, contudo, pelas reações dos diversos grupos profissionais tudo não passou de sol de pouca dura, o que tem estado a gerar uma onda de descontentamento sem precedentes. Para o líder da Nova Democracia, Salomão Muchanga, a TSU é fruto de um plano premeditado dos dirigentes para aumentarem os seus salários no topo, enquanto o povo e o servidor público continuam com ordenados miseráveis. Aliás, Muchanga duvida da seriedade deste Governo, referindo que “se não conseguem fechar uma tabela mínima de salários, já se imagina como fecham os negócios de petróleo e gás”.

#### Duarte Siteo

Julho foi o mês previsto pelo Governo para iniciar o pagamento dos salários dos Funcionários e Agentes do Estado com base na Tabela Salarial Única, mas as incongruências detectadas travaram a primeira temporada desta “novela” que ainda promete jorrar muita tinta.

Se a “primeira temporada” foi um fracasso em todos os níveis, obrigando o Governo a se reunir com vários sectores de modo a responder às inquietações dos mesmos, a “segunda temporada” promete ser mais dramática ainda, com os funcionários a contestarem o seu enquadramento.

Sempre interventivo e atento aos problemas dos moçambicanos, Salomão Muchanga, líder da Nova Democracia, não tem dúvidas de que a Tabela Salarial Única veio para aumentar os salários dos altos dirigentes do país com a desculpa de harmonização salarial

a meio - entre o salário mais baixo e os mais altos.

“A primeira das grandes incongruências é que um indivíduo qualquer, posto a compadrio na superestrutura do Estado, pode levar um subsídio de representação superior ao salário de um médico, que lhe deve atender quando se intoxicar de tanto engolir, visto que recebe rendimentos acima de qualquer expectativa. Igualmente e comparado, os mesmos subsídios são superiores ao salário de um professor catedrático, um professor doutor, entre outras categorias, que para ascender requerem tempo e sacrifícios”, refere.

De acordo com Muchanga, nas suas arbitrariedades a TSU mostra que as classes mais prejudicadas são efectivamente a dos professores, enfermeiros e policiais, por sinal uma tríade que, ao seu ver, tem sido usada frequentemente nos momentos eleitorais, para



defraudar o povo e eleger os seus detratores salariais.

“Esta humilhação que estas classes de profissionais passam transmite uma mensagem única: a burguesia capitalista selvagem não se importa com a sua qualidade de vida. Para eles, não passas de um instrumento ao serviço dos seus grupos capitalistas. E, quanto menor for o seu custo, nessa empreitada, melhor para os rendimentos da classe que te explora”, defende Muchanga.

#### “O novo colonialista está a oprimir a classe trabalhadora”

O líder da Nova Democracia questiona os critérios usados pelo Executivo para fixar os salários de alguns funcionários em alta e de outros em baixa.

“Por que nas funções de chefia e confiança os critérios são adoptados em alta, mas logo a seguir em total baixa nas categorias comuns? Em outras palavras, porque

interessaria ao Estado pagar salários altos no topo e à medida que desce sacrificar a maioria? Havia algum interesse das gangs do poder em melhorar a compensação salarial dos funcionários e agentes do Estado ou só interessava aumentar os ordenados das excelências, enquanto a maioria rala e ralha de tudo?”, indagou.

No sentido implícito, Muchanga refere que o instrumento que pariu decepção e descontentamento no seio dos Funcionários e Agentes do Estado é uma prova inequívoca de que o novo colonialista está a oprimir a classe trabalhadora.

“Não há erros nem omissões neste processo. Tudo é fruto de um plano premeditado para oprimir o povo e o servidor público. É uma decisão política de engrandecer os grupos de topo e humilhar a classe trabalhadora. É o novo colonialista exibindo a sua metodologia de exploração e opressão da classe trabalhadora, porque se

o anterior especulava abertamente, este dissimula interessar-se pelo prestador de serviço público, mas o faz para encobrir a sua acção especulativa”, referiu.

Para além de defender que é preciso reinventar o país, para que seja um lugar de paz e de benefícios e felicidade para todos nós, Muchanga não se esqueceu do elevado custo de vida que faz se sentir no país, tendo denunciado que os governantes mataram os sonhos dos moçambicanos em nome da acumulação selvagem de riquezas.

“O custo de vida está altíssimo, desde o transporte, a alimentação, o ensino de qualidade, o acesso à saúde e a medicamentos que já não são fornecidos no sistema público de distribuição de drogas medicinais. Concidadãos. A Nova Democracia chama atenção para que não olhem com romantismo estas e outras situações que cada família, cada cidadão enfrenta no seu dia-a-dia. É um problema de todos nós, nós o povo moçambicano”.

Prosseguindo, juntou que “os sanguessugas que aplaudimos perderam a noção do ridículo e do desprezo pela vida humana. Abandonaram qualquer projecto socio-económico de desenvolvimento nacional, não têm qualquer interesse colectivo ou geral para o povo, mataram e matam os sonhos de Moçambique em nome da acumulação selvagem de riquezas. Isto é violência psicológica, moral e contra a dignidade dos homens, mulheres e crianças moçambicanas”, concluiu.

PUBLICIDADE

**Mozambique Transportes**

**ABERTOS TODOS DIAS**  
AUTOCARROS DE LUXO

COM  
ACENTOS RECLINAVEIS  
DVD  
WC  
A.C

ROTAS  
MAPUTO-BEIRA  
MAPUTO-QUELIMANE  
MAPUTO-TETE  
MAPUTO-NAMPULA  
TODOS DIAS

3 EMPRESAS UNIRAM-SE PARA FAZER DIFERENÇA!

MAPUTO  
Av. 24 de Julho n° 1090  
82 94 21 993 ou 84 20 33 829

BEIRA  
Estouro em frente á antiga Padaria Progresso  
82 297 3432 ou 84 203 3829

QUELIMANE  
Romosa em frente a Mesquita  
84 56 54 523